

Uá na carta



**TUDO QUE É SÓLIDO
SE DESMANCHA NO AR**

3

R\$ 5
set, out e
nov | 2009

FUNCERN PROMOVE DESENVOLVIMENTO PARA O RN

Criada há dez anos, a Fundação de Apoio à Educação e ao Desenvolvimento Tecnológico do Rio Grande do Norte FUNCERN, a Fundação de Apoio ao CEFET-RN, tem consolidado seu trabalho no Estado através da realização de ações nas mais diversas áreas.

Entre essas ações estão a realização de trabalhos de qualificação e certificação profissional, de desenvolvimento tecnológico e sustentável, análises laboratoriais, apoio à cultura, oferta de cursos, execução de projetos sociais e pesquisas em áreas como meio ambiente, indústria, construção civil e tecnologia da informação.

Na realização dessas ações, a FUNCERN conta com a parceria de instituições públicas e privadas, além de entidades do terceiro setor, de âmbito estadual e nacional.

FUNDAÇÃO DE APOIO PRIORIDADE INSTITUCIONAL

Às portas do seu primeiro centenário, o CEFET-RN conta com o apoio de sua Fundação em todas as áreas em que atua. Entidade de direito privado sem fins lucrativos, a FUNCERN participa ativamente do desenvolvimento das ações de ensino, pesquisa e extensão do CEFET, destacando-se, nesse sentido, o repasse de verbas para o incremento das atividades de assistência estudantil, através do Fundo de Apoio Institucional.

Em 2007, por exemplo, foram investidos mais de 200 mil reais, entre incentivos e patrocínios, recursos provenientes de projetos executados pela Fundação, em parceria com a Instituição.

Nesse somatório de esforços, a FUNCERN orgulha-se de fazer parte da história do CEFET e contribuir para o crescimento dessa Instituição, visando a um objetivo comum: fortalecer a educação em prol do desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

RONDA

por angelo girotto
com ilustrações de andrés casciani

santo à moda antiga

com gilderlei soares

João Rodrigues Baracho, está escrito no túmulo mais visitado do Cemitério do Bom Pastor neste Dia de Finados. Membros e órgãos em gesso e dos mais variados, coroas de flores, fotos, velas e ex-votos muitos ocupam todo o espaço reservado ao jazigo e mais; transbordam pelas adjacências; dominam completamente o cenário.

Pernambucano radicado em Natal no crepúsculo da década de 50, Baracho fez morada na comunidade do Carrasco, tornando-se vizinho de trabalhadores mal remunerados e desempregados em geral. O forasteiro chegou com sua esposa Josefa Valentin e contava então com 30 anos.

“Aqueles foram tempos de populismo (quando não foi?), e com a eleição do candidato do PSD a governador Aluizio Alves esse fenômeno se exacerbou” nos relata o acadêmico Claudio Wágner, da UERN. O sentimento de mudança e esperança que na política tinha sua manifestação mais avançada na campanha pelas reformas de base, no imaginário popular – segundo o acadêmico - deu fôlego a algumas das mais interessantes lendas urbanas de nossas plagas. Foi por essa época que ganharam força as histórias da papafigo Viúva Machado (ver mais na próxima edição) e do senador João Câmara, que teria pactuado com o Diabo pela sua

vitória eleitoral. Baracho logo faria parte desse panteão.

Nos seus primeiros anos em Natal, Baracho sobreviveu de bicos pelo Alecrim, Ribeira e Cidade Alta. Farrista notório, sua fama de mulherengo e libertino foi o primeiro indício do potencial folclórico latente de sua figura – as carolas da comunidade enrubesciam ao pronunciar seu nome. Em suas andanças, acabou conhecendo um novo amor, Maria Lúcia, com quem passou a viver. Foi por essa época que, cansado de fazer bicos, operou outra importante mudança em sua vida: entrou pro comércio de baseados na comunidade do Carrasco.

A venda de cigarros de maconha aparentemente se mostrou bem mais rentativa que sua antiga ocupação. Os que ainda entre nós viveram aquele período rela-

tam que rapidamente Baracho construiu um admirável patrimônio que ia de casas comerciais a granjas. Mas como o movimento das bocas parecia obviamente insuficiente para justificar seu progresso econômico em muito



Andrés Casciani



tá na cara! é uma produção independente, realizada graças ao apoio do IFRN, com tiragem de 1.000 exemplares e periodicidade trimestral | contato através do endereço eletrônico: revista.tanacara@gmail.com

contato comercial: Ramon lury Alves de Amorim - (84) 8862-6952 e Gleisson Ramos - (84) 9609-9122

conselho editorial: Angelo Girotto, Gilderlei Soares, Gleisson Ramos, Leon K. Nunes, Maira Mendonça e Ramon Alves



superior ao milagre brasileiro, logo surgiram murmúrios que davam conta de um pacto celebrado entre João Baracho e o Tinhoso de muitos nomes; a alma pelo dinheiro, diziam.

Tempos depois, o próspero protegido da Estrela da Manhã foi flagrado num arrombamento no bairro das Quintas, quando todos passaram a saber que era ele o autor dos sucessivos roubos de que o comércio natalense fora vítima. Esse flagrante bem poderia ter servido à desmitificação de Baracho, uma vez que agora se sabia que ele abastecia seus estabelecimentos comerciais com os produtos de arrombamentos que realizava com o apoio de um bando, daí fazendo sua fortuna. Mas não foi o que ocorreu.

João Rodrigues Baracho passou uns poucos dias na delegacia da Ribeira, após sua captura. A fuga – ao que se contava inexplicável – do pernambucano acabou por lhe render ainda maior notoriedade. Agora ele era a personalidade popular mais comentada da cidade; seu nome circulava Natal à boca miúda. Grande parte da população o temia vigorosamente, sobretudo após ganharem o

conhecimento geral as suspeitas de que seria ele o autor da série de assassinatos de taxistas que horrorizava a capital; suspeitas que a polícia confirmaria.

Mas se grande parte da cidade tremia ao o som de seu nome, na comunidade do Carrasco onde fincou raízes e noutras com as quais mantinha vínculos ele era reverenciado. “Mão aberta”, como contam, atribuem-lhe uma gama de atos generosos e desprendidos em favor dos mais carentes que lhe renderam nessas comunidades a fama de Robin Hood natalense; alguns diziam que ele era um enviado de deus à terra pra cuidar dos mais pobres.

A essa altura, Baracho era citado pela cidade como “o incapturável”, “o homem que se invulta” (o tráfico nas comunidades, ele deixará há algum tempo sob os cuidados de suas muitas amantes). Natal era palco de uma intensa caça ao homem que todos acreditavam ser impossível pegar. De tempos em tempos surgiam novas histórias sobre fugas recentes e façanhas de Baracho em sua peleja com a polícia; assim crescia sua fama. Num dia de

muito sol, após horas de espera numa emboscada, as forças policiais alvejaram o incapturável que fugiu buscando se esconder no morro dos Guarapes. Acuada e ferido, foi lá que morreu a balas João Rodrigues Baracho.

O corpo do homem que já não mais se invultava foi exibido por toda cidade em cima de um jipe, numa demonstração da força policial. A clássica e boa cena de faroeste chocou a população do Carrasco, que comovida lotou o cemitério do Bom Pastor em seu enterro. Cinco anos após sua morte violenta, Baracho operava nova façanha: um milagre. Uma senhora que alegava ter-lhe feito promessa comemorava a cura de sua filha paralítica. Depois dessa estreia, diversos outros milagres foram atribuídos a promessas feitas a Baracho. A igreja católica nem faz menção de reconhecer sua santidade, talvez por alguma recente cautela ao associar sua imagem a de pessoas com histórico de crimes e violência. Contudo, o povo continua a peregrinar para seu túmulo em busca de graças impossíveis. Baracho é um santo à moda antiga. ■



EDITOR: ANGELO GIROTTO

LEIAUTE: ANGELO GIROTTO E OTONIEL MORAIS

REVISÃO: LEON K. NUNES E MAÍRA MENDONÇA



o chamado

Dudão tinha 19 anos. Mas medindo um metro e meio e tendo – no máximo – 50 quilos, mais parecia ter uns 13, com cara enrugada que nem aos 40. Tinha, porque está morto. De tiro. Ontem. Vizinhos escutaram. A mãe pensa que escutou. Ninguém viu. Alguém por aí ouviu. Afinal, nestas bandas pobres de nossa minúscula metrópole, até os olhos apenas ouvem, nada vêem.

A tia de Dudão acordou cedo e se arrumou, esperando a reportagem, que não veio. A morte do sobrinho foi anunciada no telejornal, sem qualquer comentário ou imagem. Virou estatística no horário do almoço.


Por que mataram Dudão? Hipóteses: ele torcia por algum time de futebol – o que pode ser

fatal, hoje em dia; não sendo bom cristão, cobiçou a mulher alheia; era “cabra-de-peia”; não era “cabra-de-peia”; bebia; estava no lugar e hora errados; estava em algum lugar, por volta de alguma hora; um cronista de quinta o matou, desesperado por novidades; etc.

Com efeito, ao morto já nada interessa dos motivos do óbito. Inexistente, sequer nos cabe deixá-lo em paz.

O sepultamento processou-se pela tarde. A mãe chorosa – ainda inadaptada ao meio, será novata? – agarrou-se ao caixão, atrasando o cortejo até a cova. Nenhum irmão pude perceber, por acaso existisse. Quando as pazadas de terra começaram a estourar sobre o caixão, a senhora

reiniciou o berreiro: Meu filho, quem matou meu filho? Cadê as autoridades que nada fazem, por que vocês não contam quem fez, quem fez isso com meu menino, covardes. Inocente. Por que não me respondem? A coitada não sabia – decerto entretida em seu maternal desespero –, mas tínhamos (os vivos) defuntos mais célebres e tenros a celebrar. Não envolto de uma história atraente, como poderia Dudão fazer frente a garotas defenestradas, sequestros e esquartejamentos amplamente conhecidos e cobiçados por todos? Esse defunto – o mais legítimo artista da terra – terá de se contentar com o anonimato e uma cruz de madeira riscada:

* 7/12/1988 - + 26/10/2008. 

capa de Andrés Casciani – ilustrador e quadrinista argentino cuja atividade se estende para além de seu país no México, Chile, Espanha e agora Brasil. Egresso da Escuela Provincial de Bellas Artes de Mendoza, já participou de dezenas de exposições individuais e coletivas. Desde 2004 é ilustrador no diário El Sol de Mendoza. Também produziu diversas capas de discos e livros. Generosamente aceitou nosso convite para se tornar colobador de tá na cara!

Conheça seu trabalho em <http://andrescasciani.blogspot.com/>

o caminho das flores

Ontem – um dia antes do prazo -, deu-se a missa de 7º dia de Dudão, o defunto juvenil de que falei na crônica anterior. Mas não foi uma missa exclusiva. Nosso personagem dividiu as honrarias com um defunto aniversariante, um casal de outra localidade – com parentes aqui – vítima de acidente automobilístico, um padre mais dezenas de católicos aparentemente comidos por índios no século XVII e outro rapaz, este encontrado morto pela manhã, à beira do mangue – era dia de finados. Some-se a isso uma moça em seus 25 a 30 anos, que tentara suicídio dois dias atrás, por saber-se corneada, e que agora pranteava em desespero na primeira fila de bancos da igreja, ofuscando o sofrimento alheio.; eis a missa de 7º dia.

O comércio de velas constitui um tradicional complemento na renda das famílias que habitam as vizinhanças de cemitérios e que todo princípio de novembro penduram em suas paredes cartazes anunciando promoções, ainda que este comércio exista por um único dia em cada ano. Velas, flores de plástico (murchas, mas como!?) e até santos de gesso são as pedidas do dia. Dia de finados é data de reencontro, reconciliação e – é claro – de lavar os túmulos. É assim que transcorre: uns pensando nos mortos que deixaram pra trás, outros nos vivos – mas todos com algo pra lavar.

Com efeito, voltemos a Dudão.

Igreja perto de cemitério, providenciou-se uma visita à cova, após a missa. A mãe do homena-

geado mostrou-se novamente possuidora de um inintimidável pulmão. O berreiro foi tamanho, que só cessou com a mulher desmaiada. Tanto que tiveram de ser os acompanhantes a por o arranjo de flores sobre o túmulo, que a senhora nem isso pode.

Feito numa funerária das redondezas, o arranjo tratava-se de doze rosas vermelhas envolvidas de uns matos parecidos com trigo, tudo embalado num belo e brilhante plástico rosa com vistosa fita vermelha enlaçada. Plástico rosa e laço vermelho. Reafirmo e explico: em terras pobres como essa, só se compra flores pra pedir perdão por chifre ou por loucura de amor. Assim, arranjos de flor pra namorados é a maior pedida em nossas funerárias, com desconto. (É claro que este equívoco poderia ter sido evitado, caso o vizinho da mãe

em questão tivesse esclarecido à atendente da funerária – quando ligou-lhe, fazendo à primeira um favor – que as flores se destinavam ao defunto da semana passada. Mas não teve a delicadeza.)

Hoje pela manhã, quem – ciente da história até aqui transcorrida – observou o túmulo de Dudão, pode verificar a mais recente vilania de que sua mãe – destituída de um filho – fora vítima. O belo e constrangedoramente romântico buquê não se fazia presente.

Poucas horas após o desmaio da matrona, pode-se ver que as preces de alguém foram atendidas. Por sinal, as de quem melhor soube defender a sua dor. A nossa suicida veio fechar a cortina, e pelos vultos se via ela abraçar o homem amado, como se este tivesse se desculpado, levando-lhe lindas rosas vermelhas.



ILUSTRAÇÕES: ANDRÉS CASCIANI, ANA LUISA MEDEIROS E DI CAVALCANTI

QUADRINHOS: RAFAEL SICA

NOVO LOGOTIPO: ASLANN LEONETE

tiroteio no midway mall

Os rumores anunciam um tiroteio no *shopping*. Das escadas rolantes surge um homem de uniforme laranja que corre desesperado – atrás dele, o séquito de concidadãos estabnanados já é numeroso – adentram as salas do cinema e somem da vista. Dentre os que ficam fora, surgem mil teorias e narrativas. Mães em pânico, diante do risco eminente. Crianças orgulhosas da coragem com que encaram a situação. E lá vai. Antes que um consenso sobre o ocorrido fosse possível, já voltavam correndo nosso herói laranja e seus papangus de procissão. Descem à praça de alimentação.

Faces severas, madames eufóricas e homens viris de celular em mãos, falando grosso e alto, sobretudo alto. Estranhos se confraternizando, trocando

informações. Olhos arregalados procurando olhos arregalados, ainda que desconhecidos. Neste momento todos compartilham do entusiasmo engendrado pelos grandes acontecimentos. A gravidade da tragédia paira sobre tudo.

Rapidamente a frustração se apossa das vozes e gestos do piso inferior. Ocorre que agora o murmúrio informa que um barril de chope estourou, causando o furdunço. Alguns, ainda em êxtase, contam da extrema necessidade de carros blindados, cercas elétricas e outras providências. Os demais têm seu maior receio confirmado: nada acontece. Nada de surpreendente, que lhes movimente a vida enfadonha e fugaz, entre uma repartição pública ou empresa, um *shopping* ou *spa*. Todos, neste momento, divi-

dem a mesma sensação. O tiroteio que não houve foi o acontecimento de suas vidas, ao menos hoje. Revelados, esperam ansiosos pelo dia em que algo lhes acontecerá, mesmo que seja um tiroteio no *shopping* ou um sequestro relâmpago.

Esperam. Do mesmo jeito que espero pela minha sessão e que lá fora, milhões esperam pelo dia em que terão comida e poderão viver sem chacinas nem tiroteios. Porque todo dia de sobrevivência, para o pobre é um acontecimento. Porque tiroteio em frente a casa do pobre tem bala. Porque nas periferias não falta nem assunto, nem velório. Rico se diverte com medo de chacina no cinema e com assombração de sequestro relâmpago. Mas levar bala de verdade – fisicamente – é programa de pobre.

ELES NÃO PULARAM CARNAVAL

vida em clausura: uma felicidade pela renúncia

texto de Ubiratan Júnior -
jornalista, cronista e professor do
curso de Comunicação Social da
UFRN - em colaboração especial
para a seção ronda

O único som que interrompe o silêncio matinal no mosteiro é o gorjeio dos pássaros. O local é um convite à tranquilidade. Árvores frutíferas de todos os tipos e a fragrância dos jasmims compõem um cenário que parece estar isolado do resto do mundo. No Mosteiro Nossa Senhora Mãe do Redentor, a sensação de paz parece se ampliar a cada momento passado naquelas dependências.

O centro monástico se localiza - talvez por mera coincidência - numa cidade que leva o nome de um "santo": São José de Mipibu. Se

bem que aqui há dois "poréns": primeiro que o "Mipibu" não é algo bíblico e, segundo, tem que se abrir, milimetricamente, uma brecha nesta linha, já que nem todos acreditam em santos católicos. Mas, está lá. A 40 Km de Natal e se constitui num mosteiro dos Monges Cistercienses, um ramo da Grande Ordem de São Bento.

A origem remonta-se ao século XVII e se deve a uma decisão tomada por um grupo de monges beneditinos que, insatisfeitos com os privilégios recebidos por meio dos reis, partiram para a região de Cis-

ter, na França, onde fundaram a congregação. Os monges cistercienses faziam oposição a toda ostentação e riqueza que os monarcas exigiam para os mosteiros. Ao chegarem naquela cidade, optaram, então, por uma vida baseada em três marcantes rotinas: mais pobreza, mais austeridade e mais clausura. Essa última, a que mais identificava a vida do "menos": sim! Menos contato com pessoas e com o mundo ao redor.

A cada momento que entrávamos no local e avançávamos pelo cami-

COLABORARAM: PABLO CAPISTRANO, RAMON ALVES, GILDERLEI SOARES, MERI MEDEIROS, DICKSON TAVARES, MARIANA RIBEIRO, ANA TATIANE, VÁGNER VARELA, UBIRATAN NASCIMENTO, JOSEFA LIANE ATALIBA TEIXEIRA E POLLIANA BRASIL

AGRADECIMENTOS: RUBENS LEMOS, MÁRCIO MARCELO DE LIMA, TÁRCIO FONTENELE, EDUARDO, RENNO, NOGUEIRA, LAÉRCIO, CARECA E CARLOS MAGNO ARAÚJO



nho de barro até a varanda - mas nada de se pensar em mosteiros com fachadas barrocas ou góticas - mais ficava fácil perceber que, para eles, a clausura é mesmo condição essencial para que o objetivo principal seja alcançado: a busca de Deus. "O ambiente da vida monástica deve favorecer o silêncio, a fim de promover o diálogo da alma com o Criador", explica um deles, o, digamos, "mestre" no local.

De voz mansa e mãos sempre justapostas ao peito, irmão Bruno ainda enfatiza que a opção do silêncio é cumprida com um alto grau de seriedade. Após as 20h, os monges se recolhem para as "celas", nome dado aos quartos, e só retomam a comunicação entre eles ao concluírem a segunda oração que acontece em todas as manhãs às 6h.

Algumas outras particularidades preenchem a rotina do mosteiro. Os monges oram sete vezes por dia, não assistem TV e ouvir música também não é - permitindo-se o trocadilho - um "hábito" praticado entre eles. As refeições não são consideradas como um momento apenas para satisfazer as necessidades físicas. Enquanto se alimentam, um postulante é escalado para fazer leituras espirituais. Desta forma, os monges acreditam que as necessidades do espírito também estão sendo supridas.

Entre os votos exigidos para a iniciação, estão a obediência e a conversão aos costumes. Perguntamos o que significava isso, enquanto eu e o repórter fotográfico sorvamos uma água de coco - uma das mais doces que bebi na vida. A resposta veio sem qualquer aparato teológico: consiste num esforço diário do vocacionado em abandonar hábitos considerados negativos para a prática religiosa. Além desses compromissos, o contato com a sociedade só acontece quando são procurados. No entanto, a certeza de um bom acolhimento é garantida para qualquer visitante. "Uma das regras é receber o hóspede como se fosse o próprio Cristo", afirma outro irmão, chamado de

José Luiz, ao explicar que as razões para as visitas são diferentes: orientação espiritual, curiosidade ou simplesmente um conselho.

As visitas também surgem como uma oportunidade para o auto-sustento, já que aproveitam o momento para vender hortaliças e os produtos artesanais, como velas ornamentais, entre outros objetos. O motivo: o mosteiro, o primeiro do Estado, não recebe ajuda oficial de nenhuma instituição católica, o que acaba por impulsionar os monges a se dedicarem, também, à agricultura, apicultura e ao artesanato.

Os cistercienses explicam que, ao contrário do que se pensa, a clausura não é uma oposição à liberdade cristã. "Nós somos livres no Espírito Santo. Livres para amar entender as pessoas como elas realmente são e não por interesse", comenta o irmão Bruno.

Apesar da convicção que cada monge possui com a vocação, os conflitos, um me respondeu, são inevitáveis e foram confessados de forma poética: "nossos desejos não são extinguidos, mas são sublimados". E uma das formas para simbolizar essa renúncia pode ser verificada nas "celas". No quarto de cada monge, há uma cruz sem o Cristo. Tal símbolo representa que o vocacionado é quem deve se sentir nela, suportando os sofrimentos da vida diária. "A vida monástica oferece, dentro da solidão, o conhecimento de si mesmo", completava um deles, enquanto finalizávamos mais um pouco da água de coco.

Saímos dali com algumas questões. Enquanto o silêncio ganhava sons, pouco a pouco, à medida que nos aproximávamos do portão de madeira, restavam - parafraseando Sabino - "algumas coisas". Talvez, três, como anotou o escritor: o respeito às escolhas, a saudade típica dos amigos e com a discordância de que a real "santidade" seja aquela por trás das proteções dos muros. Mas fechamos as janelas dos carros. Talvez, para prolongar um pouco mais, pelo menos na memória, aquele som contínuo: do balançar de folhas e de um gorjeio de pássaros.



passaio matinal

Na primeira parada, sobem no ônibus cinco pessoas a mais que o combinado. Na segunda, são três os excedentes. Oito, oito, cinco, seis e assim sucessivamente vão subindo em excesso os passageiros no lotação que liga a Zona Norte de Natal ao mundo, aí incluso o Alecrim. Há, dentre os mais leves, aqueles que estão suspensos, com os pés a um palmo do chão, comprimidos entre barrigas e embrulhos. Num calor dos diabos, a massa compacta, cada vez mais compacta e mais massa. O ônibus arranca, freia, acelera sôfrego e lentamente retoma velocidade. Rasteja o ônibus pelas ruas, cambaleia nas curvas, sacode, vai e vem, lento, vai e vem. A mulher gorda da sacola laranja caiu numa cadeira que ficou vaga. Curva pra direita, a mulher e a sacola laranja pra esquerda. Curva pra esquerda e agora elas pendem pra direita. A cadeira da sacola laranja (aliás, enorme sacola laranja) e da gorda é virada pra trás, de costas pro motorista. O estudante cafunga e coça o nariz; cheirada de pobre é menos estimulante, a cocaína do estudante é o sovaco do pastor. A sacola caiu, mas a gorda ficou onde estava. O ônibus acelera, arqueja e enfim anda. O estudante continua cheirando. A mulher de chapinha nos cabelos tem nos braços muitas sacolas e muitas crianças. A mulher gorda balança. As muitas sacolas da mulher de chapinha têm quase o volume da sacola laranja e sua carregadora gorda. Na última parada, o incremento populacional do lotação fez com que o estudante não tivesse onde por os pés. Ele acha que está nos ares por conta do sovaco do pastor. O sovaco sua, pinga e alegra inocência. A culpa é de certa lei da física. A quarta criança, da direita pra esquerda, chupa um picolé vermelho, o da terceira é azul. As outras crianças não chupam nada, não agora. O picolé azul insiste em pingar no sapato vermelho da mulher gorda. Ela toda balança de um lado pro outro do ônibus, exceto seus sapatos que permanecem imóveis pa-

ra poderem ser pingados pelo picolé azul da terceira criança da mulher de muitas crianças e sacolas que agora arranca a orelha de uma criança, a primeira, com a mesma mão que segura metade de suas sacolas, das quais uma se arrebentou ou foi arrebentada, gerando, talvez, o arrebentar da infantil orelha. A gorda pende pra frente com a arrancada do ônibus e vê seu sapato empapado; cai pra trás quando o ônibus consegue arrancar. Sacolas passam por cima das cabeças e gritam Vai descer, Vai descer. A primeira criança, que chorava já ao subir no ônibus, agora chora dobrado, pois só escuta metade de seus gritos, suponho. A gorda me encara, meus deus, como é feia. Por sorte o carro vira e ela vai-se embora. Uma das sacolas voadoras cai. O pastor se abaixa pra pegá-la. O estudante cai. A mulher da chapinha está batendo na criança número quatro. A gorda sorri, ela está ficando azul. Gente tentando descer. O estudante novamente suspenso. Na parada vão subir uma mulher, dezoito sacolas, um marido, uma cunhada e uma criança com sorvete italiano de baunilha e chocolate. O ônibus freia e o estudante cai em cima da sacola laranja da mulher gorda que de azul ficou verde e pende pra direita e põe a cabeça entre o pastor e a sacola laranja e vomita cerveja preta e churros na frente da mulher de chapinha, nos pés da segunda criança que berra e derruba muitas sacolas e leva uns safanões da mulher de chapinha que puxa todos, crianças e sacolas, pra longe do vômito que fica no pé da catraca

que é dessas muito baixas e exige que a criança deixe seu sorvete italiano de baunilha e chocolate com o cobrador enquanto se deita e se arrasta por baixo da catraca pra não pagar a passagem e se lambuza de vômito nas costas e se levanta rápido pois pai e mãe já rodam a catraca e pisam no vômito enquanto o cobrador devolve o sorvete à criança que se esfrega no pastor que agora espreme o sovaco na cara do estudante tentando se esquivar da menina que escorrega e derruba o sorvete no chão e leva um puxão de orelha exemplar e chora fazendo com que a primeira criança passe a chorar mais alto e derrubar com raiva o picolé da quarta que usa um gorro vermelho com bolinha branca, me esclarecendo tudo e anunciando a todos: é natal!



10 horas com Juliano Siqueira

por Angelo Giroto

Naquela noite de 7 de setembro, meia dúzia de oradores já haviam se revezado em suas análises conjunturais e palavras de ordem, em cima de um pequeno trio elétrico, na rua lateral à Igreja Matriz de Macaíba. Era 1998, os movimentos sociais de todo país estavam mobilizados em seus estados para denunciar os efeitos da política neoliberal do governo de Fernando Henrique Cardoso e alertar à população sobre a necessidade de conduzir Lula e Brizola ao 2º turno das eleições presidenciais; menos de 1 mês depois, Fernando Henrique seria reeleito já no 1º turno.

A militância de partidos de esquerda, entidades estudantis e sindicatos agitava suas bandeiras e entoava palavras-de-ordem nem sempre convergentes. Na calçada – entre os manifestantes e a igreja – uma banda local testava os instrumentos para a apresentação que faria assim que os discursos se calassem. Em meio a essa algazarra, sequer pudemos ouvir quando o locutor anunciou o 9º orador da noite, que logo começou seu discurso: “Companheiros e companheiras, amigos e amigas”; depois destas poucas palavras fez uma breve pausa. Nos segundos entre a saudação de Juliano Siqueira e a continuação de seu discurso, uma onda súbita de silêncio teve início diante dos autôfalantes e se estendeu até o último dos manifestantes, fazendo com que bandeiras baixassem por todo caminho como uma ola no estádio; a banda parou imediatamente sua inconveniente preparação e todos se calaram. Olhei para o amigo Anderson a meu lado; sua bandeira era a única ainda em pé – tratou de baixá-la.

Juliano Homem de Siqueira Cavalcanti – então

vereador em Natal e dirigente do PCdoB (Partido Comunista do Brasil) – prosseguiu sua intervenção que durou ainda 20 minutos, sem uma única interrupção. Falou do difícil momento que os país atravessava, da força que possuía o governo, nosso inimigo, e da necessidade de mantermos a esquerda unida, porque a batalha do outubro que se anunciava teria repercussão em nossas vidas por muito tempo além daquele ano de 1998; que era mister derrotarmos o projeto neoliberal e, ainda, que pra isso era necessário acumular forças, fazer alianças e persistir – com sua voz grave que calara a multidão, falou sem ser interrompido. 4 anos depois, Lula era eleito presidente da república com 52 milhões de votos. Na Avenida Paulista, poucos minutos após o fim da apuração e acompanhado por centenas de milhares de pessoas, eu aguardava a chegada de Lula para seu 1º discurso como presidente eleito do Brasil e lembrei das palavras de Juliano Siqueira 4 anos atrás e sorri um riso que ninguém reparou – naquele mesmo momento, todos sorriam, afinal.



Estou 25 minutos atrasado.

Conforme me orientaram, procuro uma discreta janela aberta na lateral daquela casa no bairro de Potilândia e chamo por Juliano. Faz anos que não troco com ele mais que duas ou três palavras ocasionais. De bermuda, com uma camiseta comemorativa dos 50 anos da Confeitaria Atheneu e sandálias, ele abre o portão de sua casa. Máira Mendonça, minha colega de redação da revista tá na cara! e aluna de Juliano, já havia chegado.

Conversamos com nosso anfitrião numa grande varanda com poucos móveis, ao redor duma pequena mesa de jardim, sentados em cadeiras que fomos colecionando de várias partes da casa. O homem sentado diante de nós começou sua militância de esquerda no Grêmio Estudantil Celestino Pimentel – do colégio Atheneu Norte-riograndense – em 1962, mesmo ano em que assumiu a vice-presidência Norte e Nordeste da UBES, a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. Nesse período, conheceu um “estudante com ideias direitistas, mas muito inteligente” e tratou de aproximá-lo do movimento estudantil. O nome dessa promessa era Emmanuel Bezerra dos Santos, que se torna-

ria uma das maiores lideranças da esquerda brasileira, sendo perseguido e assassinado pela Ditadura Militar num episódio obscuro. Com eles também militaram Sezildo Câmara, Silvério Gomes da Mota e Luciano Almeida.

Lecionando no curso de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atuando como Sub-defensor Público do Estado, Juliano ganha a vida e continua sua luta. Só nesta quinta-feira de maio, além de minha colega e eu, o professor Juliano Siqueira receberá 14 pessoas em sua casa. Gente de todo tipo, principalmente estudantes, intelectuais e lideranças políticas atrás de orientação e interessados em debater política, história, filosofia, literatura ou música; tanto faz, Juliano traça tudo. Orador formidável, ele admite sem falsa modéstia: “infeliz do burguês que me dê a palavra”.

Leitor dos clássicos, lembra do que dizia Engels, para quem todos os livros de todos os filósofos da França não lhe diziam sobre a França aquilo que era possível apreender pela leitura de Balzac, cuja obra agora se dedica a reler. Escuta Verdi, Puccini. É aficionado por cinema desde os tempos da Praça das Cocadas e do Cineclubes Tirol – adora o cinema italiano do

pós guerra e conhece títulos dos quais mesmo dedicados cinéfilos sequer reconhecem o nome.

Filiado ao Partido Socialista Brasileiro – PSB – desde 2002, considera-se um “dissidente solidário” e acredita que a governadora Vilma enfrenta o mesmo dilema do governo Lula: querer avançar mais, mas esbarrar na frágil correlação de forças. E que diante dos desafios, ela se sai muito bem. Acredita que o governo brasileiro joga importante papel na grande ascensão que a esquerda experimenta na América Latina e nos conta de sua participação na escola de quadros, em Cuba, na década de 60.

A escola de quadros era parte da política de solidariedade internacional desenvolvida pelo governo cubano. Lideranças das organizações de esquerda de todo o continente lá aprendiam muito mais que teoria revolucionária; aprendiam revolução prática. Foi na escola de quadros que Juliano Siqueira aprendeu a manusear bazucas e fuzis Kalashnikov – potente arma criada pelo soviético Mikhail Kalashnikov em 1947, que é mais conhecida como AK-47. Eram os primeiros anos da Ditadura Militar no Brasil e a resistência ainda não podia antever quais as saídas

10 HORAS COM JULIANO SIQUEIRA

surgiriam quando enfim a ditadura fosse derrotada; muitas correntes acreditavam num desfecho potencialmente revolucionário.

Em Cuba, Juliano foi treinado pelo camarada Almeida, revolucionário cubano que participou da tomada do poder em 59 ao lado de Fidel, Camilo, Che e Raúl Castro: “Tem que dar 6 mil tiros, Juliano, menos que isso não adianta – tem que atirar até o dedo sangrar.” Ao longo da narração de suas memórias de Cuba, ele muito lembra o jeito, a pronúncia dos cubanos que já conheci, quando se arriscavam na arena lusófona. E fala com naturalidade, rápido. Parece que se dirige a nós daquele lugar distante, sedimentado em sua memória. Juliano – que se comunica bem em Espanhol, Francês, Inglês, Alemão e Russo – voltará a repetir essa peculiaridade ao menos outras 3 ou 4 vezes durante nossa conversa, ao lembrar de camaradas que conheceu e de suas experiências nos muitos congressos internacionais e viagens a serviço da causa socialista.

Juliano nos conta que – pelo que calcula – foi preso 16 vezes entre 1967 e 1974; partes duma longa história que ele pretende contar num livro ainda sem data de lançamento, mas com nome: Uma Vida (ele ainda possui inédito material pra 3 livros de poesia). Sua estreia na cadeia se deu quando realizava – junto com os companheiros do grêmio do Atheneu – um comício em frente à escola. “Daquela vez a coisa foi leve, saímos logo. O que mais me entristeceu foi ter perdido o aniversário de minha mãe, sei que foi duro pra ela”, diz.

No ano seguinte, Juliano ingressava no curso de direito da UFRN, no qual só conseguiria se formar em 1977, laureado e com conceito A em todas as disciplinas. No dia de sua formatura, ao chegar à Praça Cívica do Campus, deu-se com um agente da Polícia Federal que lhe sugeriu não ficar muito próximo porque eles haviam cancelado uma parte da ce-

rimônia de formatura – era prevista uma homenagem a um aluno subversivo – e temiam que os estudantes causassem alguma confusão quando soubessem. Como o ministro da educação Ney Braga – paranaense que fez grande carreira à sombra da ditadura – estava presente, nenhuma manifestação seria permitida. A parte cancelada se tratava da homenagem a Juliano, que deu no pé do local e só recebeu o merecido reconhecimento de seus méritos acadêmicos em 1988 – “não que tenha servido pra algo, não serviu”.

Como militante do movimento universitário, compareceu ao 30º Congresso da UNE – a União Nacional dos Estudantes – realizado numa fazenda do interior da Bahia, no dia 12 de outubro de 1968. “Perguntei pra ele por que estávamos ali, já que era óbvio que seríamos todos presos. Helicópteros passaram algumas vezes e aquela concentração toda de estudantes vindos do nada chamava muito a atenção da vizinhança. O Dirceu me disse que era pros estudantes irem se acostumando com a guerrilha camponesa. Guerilha? Onde estavam os fuzis, eu disse. Nós não temos nem um 38 ... O Marighela apareceu por lá. Tinha 3 carros na comitiva e ele estava num deles. Quando viu a situação, falou rápido conosco e partiu. Ele era muito procurado pra se expor dessa maneira”.

Dito e feito, pouco tempo depois ocorreu o esperado, como vemos no trecho da matéria publicada no dia seguinte por um dos órgãos da imprensa que colaboraram com o regime militar, a Folha de São Paulo:

“Desde segunda-feira os habitantes de Ibiúna notaram a presença de jovens desconhecidos, que iam à cidade comprar pão, carne, escovas e pasta de dentes, despertando suspeitas ao adquirir mais de NCr\$ 200 de pão de uma só vez. Essas informações foram transmitidas ao DOPS e à Força Pública, que desde

quinta-feira já conheciam segundo afirmaram —o local exato do Congresso[...]. Depois de avançar alguns quilômetros de carro e outro trecho a pé, por causa da lama da estrada, 215 policiais chegaram ao local às 7h15 de ontem, organizaram o cerco aos estudantes e dispararam algumas rajadas de metralhadora para o ar, para intimidá-los. Sem resistir, os congressistas foram colocados em fila e levados aos ônibus requisitados para transportá-los para a capital. O governador Abreu Sodré, ao ser homenageado por trabalhadores do DAE, no Horto Florestal, referiu-se ao episódio e reafirmou sua disposição de “manter a paz e a tranquilidade para a população que deseja trabalhar”. E acrescentou, referindo-se à prisão dos participantes do congresso da UNE: “Agi com energia para reprimir a agitação e a subversão quando determinei, após horas de angústia e apreensão, a prisão de estudantes subversivos que participavam do congresso da UNE.”

Na identidade que Juliano apresentou à polícia constava o nome Júlio Roberto Pratos Vale, pertencente ao revolucionário guatemalteco conhecido como “Patolo” – “uma homenagem ao camarada” – que a polícia obviamente não fazia a menor ideia de quem fosse. “Me perguntaram o que eu fazia ali. Disse que era convidado internacional pro congresso. ‘Então por que tá falando português?’ ‘Meus pais são brasileiros!’” Depois disso, Júlio Pratos Vale começou a falar num espanhol irreconhecível e no meio daquela confusão toda que foi a prisão de mil estudantes, acabou solto. Gracias!

Com a edição do AI 5 em 13 de dezembro de 1968, Juliano e muitos outros combatentes de sua geração entraram irrevogavelmente na clandestinidade. Passou a usar o codinome Zé Carlos – “não identificava ninguém, Zé Carlos era garantia de anoni-

mato". Fora ainda preso muitas vezes entre 68 e 70, mas conseguiu sair em todas. Com a intensificação da ditadura, apôs ter passado por Recife e Salvador, Juliano instalou-se no Rio de Janeiro, onde estavam muitas das principais mentes da resistência democrática brasileira.

Enquanto os jovens de sua idade descobriam novos penteados e se alucinavam nas curvas de Santos, ele e centenas de militantes oriundos do movimento estudantil agora viviam de um aparelho pro outro, cobrindo o ponto e constantemente ameaçados.

O treinamento em Cuba veio a calhar.

Na manhã de 20 de janeiro de 1970, Zé Carlos se dirigia ao ponto onde encontraria alguns membros do Comitê Central do PCB. Contudo, foleando um jornal no caminho deparou com uma nota no canto da página que dava conta da prisão e morte de Mário Alves, no dia anterior. Juntando isso à prisão recente de um companheiro que fora duramente torturado, compreendeu: "caiu o ponto." Sem ter certeza, contudo, resolveu rondar o local do encontro, onde a grande movimentação de pessoas confirmaria seu temor.

De saída, encontrou um companheiro que também iria pra reunião e o convidou a irem à casa de Apolônio de Carvalho, já que "o Apolônio sabe de tudo, ele vai nos dizer o que aconteceu", ouviu Zé Carlos.

Apolônio de Carvalho faleceu em 2005, com 93 anos, e foi enterrado com uma bandeira do Partido dos Trabalhadores – que ajudou a fundar – sobre o caixão. Participou das brigadas internacionais combatendo a ditadura de Franco na Espanha em 1939 e da Resistência Francesa em 1942. Em 70, era membro do PCBR – Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, dissidência do Partidão. Socialista, foi um dos mais notáveis brasileiros de

todos os tempos.

Quando chegaram à casa na Rua Hermem Garden, no Meyer, Zé Carlos e seu companheiro foram presos; Apolônio – o dono da casa – já estava na cadeia.

Na cadeia, ele é posto diante de outro prisioneiro – sangue escorrendo pelo nariz – que o reconhece – "esse é o Zé Carlos, ele é o responsável por toda a atividade no Norte e Nordeste". Faz que não conhece seu delator, nega as acusações e é submetido a constantes torturas – "eles colocavam um fio na algema, outro no dedo mindinho e davam choque". Afofamento e espancamento também faziam parte da rotina imposta pelos torturadores.

Logo que chegou, Zé Carlos soube da trágica sorte de Mário Alves, secretário geral do PCBR. Preso no dia anterior, ele fora torturado brutalmente. Apenas 4 horas após sua prisão, Mário Alves estava morto. Contavam o seguinte diálogo entre torturadores e torturado: "Você é Mário Alves?", "Isso vocês já sabem.", "Onde estão sua esposa e os outros?", "Isso vocês nunca saberão." Os torturadores revestiram de pregos um porrete e com ele mataram cruelmente o camarada Mário Alves.

Juliano acabou solto por intermédio de Apolônio, que numa visita que recebeu falou pro embaixador francês que havia ali preso um menino, filho do presidente da Aliança Francesa em Natal; conversa sucinta que acabou lhe poupando a vida. Deixaram que ele tomasse um banho, deram-lhe pra vestir uma camiseta manchada de sangue – provavelmente de outro preso torturado – e mandaram-no embora; não sem antes uma nova sessão de agressões, como despedida.

Anoiteceu. Nossa conversa entrou em sua 4ª hora sem que percebêssemos. Juliano se levanta para trazer água pras visitas e falar com o papagaio Pancho, que o chama de Careca. Pergunto o que passou por sua cabeça quando apagaram a assinatura de Pres-

tes no quadro de Lênin que ele doou a seu antigo partido. "Apagaram? Eu não sabia. Agora você estragou meu dia." O quadro em questão foi um presente dado a Juliano Siqueira por seu amigo, o lendário líder comunista Luís Carlos Prestes. Era 03 de janeiro de 1982 – aniversário de 84 anos do Cavaleiro da Esperança.

O antigo partido em questão é o PCdoB, cuja desavença com Prestes vem desde bem antes de seu extermínio gráfico no quadro com o retrato de Lênin. No ano em que Juliano ingressava no Partidão, um grupo com uma centena de comunistas saiam de suas fileiras e se reorganizavam no PCdoB, descontentes com os rumos da União Soviética e com a postura dos setores majoritários de seu partido; dentre outras coisas, os "renovados" – liderados por Krushov – passaram a renegar o legado de Stálin, maior líder comunista da história. 30 anos depois de João Amazonas, Pedro Pomar e Diógenes Arruda reorganizarem os comunistas brasileiros, Juliano os seguiu.

Foi na noite de 12 de setembro de 1991 – no auditório da ABI – que ele se filiou ao PCdoB, juntamente com 70 camaradas do PCB do Rio. Num artigo publicado na revista Princípios, em abril de 1992, ele justifica sua decisão:

"Localizamos no início dos anos 60 a mutação radical do PCB numa agremiação reformista, no plano imediato, e caudatária das teses centrais dos revisionismo, em nível mais abrangente, com a implementação da política de conciliação de classes (ou de abdicção da luta de classes), expressa na 'Declaração de Março'. Contudo, as organizações de base (principalmente após o golpe de 64), inúmeros dirigentes (Mário Alves, Marighella, Câmara Ferreira) e segmentos partidários se insurgiram contra o oportunismo oficializado no 6º Congresso [do PCB].

Além do mais, animava-nos – o que hoje vemos como elemento

10 HORAS COM JULIANO SIQUEIRA

gerador de muitas ilusões – a indicação de que seria o PCB, não obstante todas as suas deformações, a face brasileira e parte integrante do Movimento Comunista Internacional – passível, portanto, de uma viragem revolucionária 'vinda de fora'.

A saída de Juliano dos quadros do Partidão não foi surpresa para os que acompanhavam de perto a longa batalha pelos rumos do partido de Prestes. Em entrevista ao jornalista Rubens Lemos Filho, para a Tribuna do Norte de 03 de outubro de 1993, Juliano declarou que já “no 9º e no 10º Congresso do PCB se deu uma guinada à direita ... diante da capitulação do PCB, o PCdoB passou a ser um pólo de resistência comunista”.

Num momento extremo da disputa interna no PCB, comunistas ortodoxos formaram uma chapa para disputar a direção do partido. Juliano Siqueira era o candidato a presidente, com Oscar Niemeyer como vice e nomes como Francisco Milani, Mário Lago e João Saldanha no secretariado. A chapa espreitou a casa dos 40% dos votos, sendo derrotada por Roberto Freire, a quem Juliano chama de arrivista, “um homem afeito à cozinha do poder”.

No PCdoB, Juliano foi recebido com grande festa. Logo foi eleito para o Comitê Central – instância máxima dos partidos comunistas – e passou a cumprir um importante papel na construção teórica do partido, publicando artigos e ensaios frequentes. Mas já nos primeiros anos ele viu que nem tudo era plenamente promissor em seu novo partido. Numa das muitas tardes chuvosas da capital paulista, foi surpreendido ao chegar na sede do Comitê Central e não mais encontrar a foto de Stálin, que ladeava os retratos de Marx, Engels e Lênin. Há pouco o Muro de Berlim havia caído, a União Soviética se desintegrara e aqueles eram tem-

pos difíceis para ícones comunistas – ao questionar a ausência, Juliano ouviu como resposta uma análise similar a essa. Apon-tando para os 3 retratos sobreviventes perguntou “qual deles será o próximo a sair da parede?” Como não obteve resposta, deu de costas e foi embora.

Meses depois, Juliano retornava a Natal. Na mesma entrevista ao jornalista da Tribuna ele declarou suas intenções: “Meu objetivo é desenvolver a militância em duas áreas: a assessoria sindical e a frente cultural. A minha imagem é de alguém que passa 24 horas por dia militando, panfletando, mas eu também me dedico à literatura, escrevo, gosto muito de cinema, e esse trabalho vou fazendo para contribuir com meu partido.”

O Partido Comunista no RN vivia então maus momentos. Glênio Sá e Alírio Guerra faleceram vítimas de um acidente automobilístico quando faziam campanha pelo interior do estado em 1990. Eram pessoas admiradas e grandes lideranças da esquerda local. Glênio fora guerrilheiro no Araguaia. Alírio, grande nome da resistência contra a ditadura. Seu desaparecimento abalou profundamente o movimento comunista.

Com sua chegada e tudo o que representava, a militância viu reacendido o legado dos grandes comunistas, e sob sua liderança o PCdoB viveu um momento único de crescimento no RN. Juliano chegou com poucas pretensões, como vimos em sua declaração na referida entrevista, mas logo foi chamado “pela vida a maiores responsabilidades”. Ele se lembra de um jovem camarada, que na época insistia muito pra que Juliano assumisse um papel mais destacado no movimento local, e nesse processo de convencimento se tornaram amigos – seu nome era Marcos Dionísio. Juliano acabou disputando uma cadeira na Câmara de Vereadores de Natal em 96. “Eu não esperava ser eleito. Aguardei a

apuração em casa. Então meu irmão ligou dizendo que eu estava indo bem na apuração, foi aí que soube que poderia ser eleito. Quando a vitória foi confirmada, apenas então, tive a certeza.” Comemorou dando tiros pra cima.

Juliano traz consigo marcas indeléveis da brutalidade de que foi vítima na ditadura militar. Entre seus livros, ele guarda um belíssimo chapéu que ganhou de presente de um camarada do Partido Comunista Cubano; chapéu que nunca ousou pôr na cabeça. Uma das técnicas de interrogatório a que fora submetido consistia em amarrar-lhe a cabeça e o tronco a um dispositivo que possibilitava que seus inquiridores lhe mergulhassem dentro de um tonel de água quando bem entendessem que deviam fazê-lo. Graças a essas experiências, o simples ato de vestir um chapéu se tornou insuportável para o comunista, que imediatamente sente vertigem e asfixia escruciantes.

A todo momento de nossa de nossa conversa, ele demonstra ter clareza do que representa por sua história e por suas ideias. Contudo, jamais permite que o orgulho que sente de si torne-se barreira entre ele e outras pessoas. Recebe com naturalidade populares que lhe procuram pra obter orientação jurídica de toda ordem; um deles chega na 6ª hora de nossa conversa – “problemas com uns negócios da justiça aí, doutor, mas os outros me disseram que você resolve”.

Essa proximidade com o povo certamente contribuiu pro acirramento de suas divergências com a cúpula partidária, após sua eleição. Ele nos conta que poucas semanas após a apuração, os “burocratas” já haviam preenchido todas as vagas de seu gabinete sem ao menos ouvi-lo. Outra coisa que passou a lhe incomodar foi o assédio. “Havia um séquito de bajuladores, e agora eu não era mais Juliano, ou camarada, meu nome agora era 'Vereador'.”

“Ninguém prende aqueles dois, aquele um negro amor de rendas brancas.”

Foi com estes versos de Drumond que Juliano conquistou o amor de sua vida, a gaúcha Denise Nilson de Siqueira, com quem está casado há mais de 12 anos. E declara orgulhoso “tenho 8 filhos!” Dos 8, ele contribuiu com material genético pra formação de 4, a outra metade é da prole de Denise, mas nosso anfitrião faz questão de demonstrar a grande afeição que sente por todos seus 8 filhos.

Em sua rotina doméstica, ele mantém velhos hábitos. Toda a manhã lê diversos sítios da internet e jornais, e acompanha com grande interesse os desdobramentos da luta política em sua amada Latino-América. No café, discute todo o tipo de assunto com Denise. “Minha sorte é que ele recebe muitas visitas, assim tem mais com quem falar. Ele fala muito, mas é claro que eu gosto”, ela nos conta.

Denise e Juliano certa vez ficaram acordados até 4h da manhã por motivos diversos dos que você deve logicamente supor. Eles passaram a noite grudados ao telefone. O motivo: Álvaro Cunhal, comunista português por quem Juliano sente grande carinho e admiração havia falecido. Com a grande como-


ção que a morte de Cunhal causou em todo mundo, eles tiveram de passar horas a fio discando, até conseguirem uma ligação pro Partido Comunista Português e registrarem seu pesar pelo desaparecimento do camarada.

E não é apenas por motivos políticos que Juliano fica acordado até mais tarde. Quando sairmos de sua casa já passada a meia-noite, após uma entrevista de 10 horas, ele recolherá os copos sujos que deixamos para trás e concluirá a atividade da qual fora afastado por nossa chegada: nas quintas, é ele quem lava a louça.

Juliano é um tipo raro de pessoa ao mesmo tempo inteligente e otimista. Ele explica esse seu otimismo lembrando um momento de sua vida entre uma prisão e outra. Em 1970, transferido de salvador pra recife – onde ficou preso na cadeia em que hoje funciona o Centro de Turismo – ele vê escrito na cela “nada é impossível nesse miserável mundo e nenhuma situação é a pior de todas”, frase do russo Máximo Gorki, e pensa “se alguém que esteve aqui quis escrever isso, eu posso aguentar o que vier a acontecer”. Ali eu “cumpri um mandato”, disse se referindo aos quatro anos que passou naquela cela. No Recife da década de 70, quem torturava era o tenente Mateus Levino, lembra.

Ele acredita na viabilidade atual do socialismo e diz que “nós temos muitas coisas a cumprir, não existem coisas fáceis para nós”, mas “as condições objetivas (pra revolução socialista) existem, falta direção”.

Vascaíno alucinado e torcedor da Portuguesa (fiel às tradições lusitanas), Siqueira que possui também ascendência italiana, sendo descendente de Guido Cavalcanti, dos Cavalcanti de Florença, tem no futebol uma de suas grandes alegrias. Também a paixão pelo América herdou do berço. O alvi-rubro potiguar foi fundado na casa de seu pai, Esmeraldo Homem de Siqueira. De Esmeraldo ainda herdou outra paixão vermelha: foi ele quem presenteou o filho com seu primeiro livro marxista – o Manifesto do Partido Comunista – aos tenros 10 anos de idade.

O Homem entrou pro nome da família por meio de seu avô Joaquim de Siqueira Cavalcanti. Joaquim – nos tempos do Império – escrevia pro jornal republicano local e numa tentativa de despistar a repressão adotou um pseudônimo, passando a assinar seus textos como Homem Bom. Desde o surgimento de Homem Bom na imprensa potiguar, o Siqueira e o Cavalcanti não estiveram mais sós; a parceria já vai pela sexta geração. 



Ótica
Marizza
A óptica que vai até você.

Rua: São Geraldo, 121 - Quintas, Natal/RN - Tel. 84 3086 1770



CATANDO HISTÓRIAS NO CHÃO DA PRAÇA

por Leon K. Nunes
ilustrações de Ana Luisa Medeiros

Histórias, todo mundo tem. Até aquelas pessoas que nossa rala visão faz pensar que não vivenciam nada. Poderíamos citar várias categorias, mas aqui venho destacar uma só: os mendigos. Isso, os mendigos, os pedintes, os miseráveis, os sem-teto. Aqueles a quem viramos a cara quando levantam a mão por algo, que xingamos em pensamento quando eles vêm nos atormentar se estamos fazendo um lanche de pouco mais de um real em qualquer lanchonete mau-cheirosa da Cidade Alta. Cito a Cidade Alta porque em Natal é lá onde parece se concentrar a maior parte desses que alguns taxam como corpos estranhos, mas são uma parte inerente e triste do nosso cenário urbano. Alguns deles já são até tipos conhecidos, um dos quais será lembrado nas linhas seguintes.

Nos arredores da Praça Padre João Maria, pelos pensionatos e bares por ali instalados, ainda é possível encontrar um cara de feito estrangeiro, e com a cabeleira de um loiro tão destacado que chegaria a invejar fácil qualquer dessas pessoas que sonham em ter cabelos claros, e não são poucas. Seus olhos são tão azuis que, numa comparação pobre, parecem o céu que vislumbra com esforço. É conhecido pelo seu apelido, Golí, uma variação de seu sobrenome – convenientemente ocultado nessas linhas – que denuncia o seu caráter gringo. Mas, na realidade, o Golí é brasileiro – catarinense, em específico. Sua mãe, esta sim, era de fora; no caso, polonesa.

Golí (seu sotaque carregado faz pronunciar algo como golhí) vive jogado pelas ruas, dormindo em bancos de praça e comendo em beiras de calçadas. É uma forma sem função. Pela conversa duradoura que tivemos – eu sentado no banco e ele no chão, ora sentando, ora deitando –, nota-se que ele também nunca esteve muito preocupado com banalidades da vida comum. Golí veio para Natal há cerca de dez anos, gastando sua grana limitada de herança paterna nessa viagem, trazendo uma trouxa com roupas surradas, conveniência zero, mas bastante dinheiro, com o qual até comprou alguns pertences e alugou pensões. O uso contínuo de drogas, contudo, pouco a pouco consumia tudo o que ele tinha e a pequena estabilidade que construía nessas terras. Passou então a buscar novas formas de se sustentar.

Por aqui, com seu sotaque charmoso e sua aparência convidativa somados à pouca exigência que faz no que se refere a homens a maior parte das mulheres locais, não foi difícil para ele arrumar parceiras que lhe bancassem a boa vida que desejava.

Foi mais fácil pra mim ter mulher pra comer do que ar pra respirar

Quando Golí diz que as mulheres foram um “objeto” corriqueiro em sua vida, coisa que repetiu três ou quatro vezes durante a prosa, ele pode até parecer pretensioso, arrogante. Mas há um ar de verdade nisso. Quem o conheceu noutros tempos, a propósito, não duvida. Pelo contrário. Golí é muito bem considerado por alguns, desde mendigos outros até os seus antigos senhorios, e suas antigas parceiras casuais. Mas quem o vê hoje percebe que a afirmação não passa de delírio, são frases vazias de uma pessoa para quem o tempo passou sem que ela percebesse.

Ele conta a história de três mulheres que o acolheram logo na sua chegada aqui, embora ressalte que teve outras tantas mais. O curioso é que elas se conheciam e com o tempo se separaram. Uma delas, mãe de duas filhas de mais de vinte, conheceu o Golí comendo sanduíche num carrinho de lanches da Rio Branco, e ficou tão maravilhada que, dentro em três ou quatro dias, Golí já estava morando com ela, que se sentia muito sozinha, pobrecoitada; as filhas, afinal, já estavam casadas e haviam saído de casa. Foi com ela que Golí teve sua mais duradoura relação, de seis meses – até que ela descobrisse uma trouxinha de maconha na sua pochete, até então, inseparável. Mas Golí não é tão bom contador de histórias. Levou quase quinze minutos para passar dessa. E as outras duas não tinham nada de mais interessante. Eram apenas enredos quase totalmente repetidos. Quanto eu bebo, sei lá, é pra me sentir dono de meu próprio pescoço.



Enquanto o papo avança, para cada novo item da história contada, parecemos estar ouvindo relatos poéticos de Rimbaud. Porque Golí também já passou temporadas no inferno, já viveu tantos dissabores. Quando chegou em Natal, já era viciado. Bebia, fumava e cheirava de tudo. Quando não havia nada, partia para paliativos rasteiros – até esmalte ele ingeria e aspirava, e com um olhar atento se dá para nota ainda muitos frascos na sua mochila ordinária. Esses hábitos errantes eram as razões de suas tumultuadas relações a dois. Frequentemente, quando as mulheres se cansavam de sustentar um completo vagabundo – Golí nunca trabalhou, nunca fez bico, nunca quebrou galho, nunca fez nada, ao menos desde que chegou em solo papa-jerimum –, então começavam os desentendimentos, as pancadarias, e, num espaço de dois ou três meses de socos desferidos de ambos os lados, o nosso amigo loiro estava novamente nas ruas, geralmente com alguns trocados que conseguia fornecendo sua beleza para quem tivesse interessado; assim, conseguia pagar aluguel em pensões por mais uns meses.

Golí diz que a droga que se faz mais presente em sua vida hoje é a bebida, da qual ainda é compulsivamente adepto. A propósito, foi esta a sua única condição para que dispensar seu tempo a essa conversa: uns poucos trocados, suficientes para comprar uma garrafa de cachaça e mais alguns cigarros.

Na compulsão para sustentar o vício, até mesmo os preconceitos mais latentes ruíam facilmente para ele: Golí viveu, durante quase cinco meses no último ano, com um homem, dividindo vida, quarto e cama. Sua experiência como homossexual – designação da qual não se admite ser taxado –, ele diz, foi mais estável que as experiências anteriores.

Os homens se entendem bem sem fazer esforço. As mulheres até fazem esforço, mas o esforço que fazem é pra não entender nada!

Convenhamos, Golí não deixa de estar certo em algumas de suas afirmações. Mas ele, mesmo com sua aparência acabada, ainda consegue transmitir certo carisma. É um sujeito sorridente, e se diz prestativo. Mas talvez seja apenas um bom enganador. Ele contou que já fez pequenos furtos para conseguir suprir não somente seus vícios degenerados, mas suas próprias necessidades naturais. E deixa o alerta, que, lembra, não vale somente para com ele, mas para com todos os que, como ele, se consideram – e o são, de fato – renegados: “teje esperto”.

No fim, Golí aponta para um mercado e pede que, ao invés de pagar seus merecidos trocados, eu lhe compre um litro de cachaça e alguns cigarros com o troco. Enquanto isso, ele me aguarda do lugar onde conversamos, sentado no chão e com o braço apoiado no banco da praça, mas me seguindo atentamente com os olhos. Na volta, entrego-lhe a trouxa de compras e agradeço pela conversa, sem receber resposta. Golí tira a cachaça da sacola e abre para dar um primeiro gole rapidamente, como se esperasse há muito tempo por aquilo. Ainda resmunga algumas coisas. Diz que não precisa de mais ninguém, que quer que o mundo se foda. É compreensível sua raiva, sendo um dos tantos mendigos diariamente ignorados daquela área, pisados, esmagados por olhares triviais. Mas ele não é inocente, e sabe disso. Depois de algum tempo, dois ou três minutos, vai embora tomando o rumo, sem dizer mais nada e sem olhar pra trás. Sem muita preocupação com o futuro. E nenhu-



NOITE

PERDIDA EM NATAL

texto

Angelo Giroto

ilustração

**fragmentos da obra de
Di Cavalcanti**

colaboração

**Ana Tatiane
Cláudio Wágner
Mariana Ribeiro
Otoniel Moraes**

Quanto analgésico prescreve o nascimento? Qual cura, qual dor? Desde antes de ser comida com culpa a primeira maçã, seguimos numa busca desesperada por sentidos e sensações; busca ansiosa, implacável, que consome toda uma vida e nos leva a caminhos diversos, tal qual são nossas carências, tão dúbios quanto nossas certezas. O que buscar certamente é a grande questão a ser resolvida, pois instintiva ou culturalmente todos sabemos onde e quando: onde estivermos, no instante em que estamos.

Cinemix, 21h12 – a um terço da subida que leva do Baldo ao Cemitério do Alecrim, apresentando por grande fachada laranja com estacionamento, iluminação modesta e amarelada, fica o Cinemix Clubber, que apesar do nome chique não é uma discoteca para adolescentes de classe média. Um sujeito tranquilo que sorri pouco e fala muito pouco nos aguarda na entrada. São oito reais para cada homem; mulher não paga – o que para a grande maioria não fará a menor diferença. Logo de cara somos apresentados a rostos e corpos há muito conhecidos. Chaplin olha ingênuo para o decote de Marilyn Monroe, enquanto a engraçadinha se exhibe para um jovem e convencido Brandon; muitos outros olhares famosos nos espreitam, penetrando a densidade vermelha do ambiente. Um balcão vazio onde garrafas de diversos gostos dividem espaço com bolsas, sacolas e agora uma mochila colegial. Estamos sós entre as estrelas.

O próximo ambiente – à primeira vista – possui diversas saídas que levam a lugares distantes, impossíveis de se di-

visar. Contudo, logo fica possível identificar o balcão onde fichas para o consumo de bebidas são vendidas. À esquerda, o barulho humano indica nosso destino. Após uma passagem muito menor que aquela inicialmente imaginada, abruptamente damos de frente a umas poucas mesas apinhadas de gente; um salão, diferentemente do que vimos até então, mal cuidado, de piso sujo e iluminação precária; muitas outras pessoas em pé, ao redor do palco, e outras espalhadas pelos cantos, seus rostos levemente se revelando nas sombras onde somem aqueles homens recurvados e silenciosos; no palco, contrastando com a aparência do salão, uma delicada moça de *lingerie* se exhibe.

Coxas, bunda, dorso e peitos ondulam, levemente, levemente. Moleques de 20, 30, 40 anos observam atentamente cada gesto da professora: é a primeira vez que falarão em sexo? Com sutis movimentos, ela exhibe cada parte de seu corpo vigoroso, magro. Sua bunda não pode ser descrita com palavras, mas na boca surge um gosto de fome, insaciedade. Delicada, nossa musa se põe de costas, na ponta dos pés, se reclina e num gesto rápido tira a calcinha, o coração dispara, seu quadril fica nervoso, agressivo, lindo: o espetáculo começou.

A possível infância feliz na pequena cidade de um interior qualquer do grande nordeste; a vida escolar bem comportada e uma adolescência recatada, quando da vinda pra capital; um pequeno apartamento num bairro boêmio, com cenas de filmes franceses penduradas na parede e grandes almofadas coloridas espalhadas pela sala bem poderiam servir em alternativa à biografia que o imaginário coletivo forjou para explicar a vida dessas moças que trabalham em casas noturnas e possuem tantos nomes que se dispensa apresentá-los. Uma infância de privações; uma família desestruturada





da;

um casamento mal-sucedido ou a espera pelo príncipe de cavalo branco também serviriam para aplacar nossa curiosidade – como habitualmente servem – e nos explicar, desnudar nossa musa para além do que podemos ver em sua nudez. Com efeito, ocorrerá que na próxima segunda-feira, quando ligarmos interessados em marcar uma entrevista, sua voz sonolenta e gentil alimentará nossa curiosidade com a promessa de um encontro próximo, que será adiado em decorrência de compromissos inesperados e novamente com grande atenção e interesse adiado – nossa musa permanecerá para nós um mistério e então teremos certeza de sua autenticidade, de seu encanto; pois musas – para muito além das carnes e belas formas – são obra do mistério.

De cima do palco, ela nos encara, assustados, excitados. Desafia-nos a subir, a tocá-la, penetrá-la. O primeiro anônimo logo se apresenta. Suas pernas tremem. Sua voz varia de tons baixos a elevadíssimos. Em seu estômago, quem saberá a sensação mortificadora que se intensifica? Sobe ao palco e ensaia um brado de guerra, que sai rouco e inaudível: é o espetáculo que continua. E que espetáculo. O Cinemix Clubber é uma casa de entretenimentos adultos, onde de terça a domingo são exibidos filmes pornô dos mais variados gostos, estilos e escolas; nas quintas e sábados, oferece uma atração muito especial, na qual mulheres recebem em cima do palco – mais especificamente ainda em cima de um sofá com lençol preto e mal cuidado, acima do palco – homens que tendo pago a entrada ou adentrado gratuitamente por meio de contatos fortes se dispõem a penetrá-las publicamente.

Serão sete os homens a subir no palco ao longo desta noite, que aqui se encerra à zero hora, mas se prolonga quase infinitamente pelo resto da cidade. O nosso pioneiro, que falhou em seu grito de batalha, também falha em sua incursão. O público ri, troça; faz parte do show. Logo outros se apresentam para satisfação sua e do público pagante. O segundo guerreiro obtém maio êxito em sua empresa chegando e levando a plateia ao gozo, distintos, porém. E assim seguirá a noite: desafiados por nossa musa, os mais valentes dentre os homens presentes sobem ao palco para transar publicamente – e o melhor, de graça – por cima da capa preta.

Para os mais afoitos e inspirados, o Cinemix ainda oferece outros ambientes. Enquanto o espetáculo transcorre no palco, o cinema pornô permanece em exibição contínua, exibindo um filme após o outro. Ladeando a sala de projeções e também após o banheiro masculino estão salas – ou quartos? – privadas onde qualquer frequentador pode agir livremente, solitário ou acompanhado. Muitas são as histórias que se ouve acerca do que ocorre nas sombras destas salas; ali – tudo aponta – os mais reprimidos desejos e as mais tresloucadas fantasias se materializam.

Contudo, é no banheiro masculino – ou antecâmara dos quatinhos – que é maior a movimentação. Todas as cabeças recurvadas, todos os olhares obtusos, todos os pulmões ofegantes. Um misto de excitação e culpa preenche o ar. Serei informado logo mais que ali estão os mais assíduos frequentadores da casa. Todos os seus movimentos são parte de um ritual de acasalamento mal dissimulado, mas cujo disfarce é exigido. Um olhar, um sorriso curto e uma saída suave; logo o dono dos outros olhos e lábios seguirá o mesmo destino.

Café Paris, 22h05 – uma breve pausa no espetáculo para conferir outro ponto de diversão noturna de Natal que promete bastante excitação às almas livres ou desesperadas. Este é um legítimo cabaré; um palco baixo com quatro queijos – aqueles canos em que as garotas se enroscam e dançam, preferencialmente nuas – um balcão com seu bar e – obviamente – garotas.

Belas garotas, algumas das mais belas filhas de nossa pátria. O auge dessa visita deve ser um *strip-p* que de preferência percorra os quatro queijos. O tempo passa e apesar de sermos os únicos presen-

tes tudo parece transcorrer normalmente, mas nada de *stripp*. O ambiente bem lembra os cabarés de filmes americanos. Aqui, o tempo suspenso parece não passar, quando nos damos conta, já se passou mais de hora, devemos voltar sem ver o que buscávamos.

Sem ver o que buscávamos, era o que tudo indicava. Já paga a conta, contudo, a proprietária, mulher jovem e simpática, nos oferece um *show* extemporâneo de uma de suas dançarinas. Sobe ao palco uma moça de belos cabelos pretos e lisos, magra ao ponto de ser frágil, bela ao ponto de ser inocente. No auge de sua apresentação, ela desce do palco, vem à nossa mesa e sussurra no ouvido de meu amigo: Me chamou, eu vim, enquanto o abraça, nua. Tamanho foi o impacto de sua vinda que daqui a 22 minutos meu amigo enfrentará sua vergonha, suplantará 36 anos de cristianismo e culpa, e subirá no palco do Cinemix, declamará uma cantada de quinta no ouvido de nossa musa – que se apresenta como Júlia – e passados intensos 37 segundos gritará, se desvincilhando da musa e levantando ao punho uma camisinha usada, como se o escalpo do maior dos guerreiros fosse; sairá ovacionado e voltará sempre.

Veru's Bar, 00h45 – meia hora e R\$ 30,00 na bandeira 2 após sairmos do Cinemix, conferimos o principal destino dos espíritos que saem insaciados de seu espetáculo. O Veru's Bar já foi Nira Drink's, em velhos tempos.

Hoje, possui instalações

mais amplas e público maior que na época em que foi o grande iniciador de jovens dos fins da década de 90. O novo Nira também possui queijo e outras delícias, nisso lembrando muito o velho.

Na entrada – novamente lembrando os velhos tempos – carteira de identidade. 10 contos pra entrar, com direito a uma latinha grátis. Quando a noite tá de muita conversa e pouco negócio, se pode descolar um *stripp* grátis – jogada pesada de márquetim que certamente garante programa, em caso de bom desempenho no queijo. E é o que vemos logo na chegada. Uma ás do ofício, medindo 1,7 metro e pesando na casa dos 80 quilos, executa um movimento muito em voga na arte do cano: sua cabeça a 20 centímetros do chão, seus pés a 1,9 metros e suas coxas enroladas no cano – delírio!

O ambiente aqui é bem diferente daquele que pudemos ver na Rua São Pedro, de passagem pelo bairro das Rocas. Um doze casas parede com parede ocupando todo um quarteirão. Fachadas decadentes, interiores decadentes, região decadente. A Rua São Pedro é o local de diversão dos trabalhadores braçais mal remunerados. Estivadores, feirantes e todo tipo de homens frequentam a Vila Mimosa natalense em seus momentos de recreação. Na Rua São Pedro é onde talvez se possa encontrar as últimas radiolas de ficha de Natal que ainda usam fichas, ao modo antigo. Suas mulheres – quase todas pra lá dos quarenta, ou aparentando – em nada lembrariam as colegas do Veru's, não fosse pelo fato de despertarem o mesmo fascínio em seus concubinos. Mulheres que o ideário clássico classificaria como passadas; mulheres acabadas, vitimadas pelo tempo e pelas dores, aqui são musas, também; aqui, são as mulheres formidáveis que em canto algum seriam.

No Veru's, o show acabou. Querendo, com R\$ 70 da moça mais R\$ 20 da saída – o lucro da casa – você poderá levar sua preferida para umas boas duas horas de satisfação, obtendo – com preço já incluído no pacote – elogios a fio e exercitando com pouco risco de fracasso e decepção a primorosa arte da conquistista, como se jogasse vídeo game no estágio iniciante. A grande ameaça está certamente no excesso de conversa. Ao conversar demais, de um lado afastará a moça, que partirá à caça de retorno mais certo; de outro, poderá gas-





t
ar todo dinheiro do programa em bebida, enquanto age como um Don Juan de pastelaria – R\$ 10 a dose do conhaque, um programa bebido em menos de 50 minutos.

Rua do Salsa, 2h – em minha pesquisa pré-campo, à pergunta Putaria? rotineiramente se seguia a resposta Rua do Salsa. Diante desta unanimidade municipal, resolvi encerrar nossa incursão noturna por estas bandas.

O local é formado por dezenas de bares de classe média nos mais variados tons e estilos e fica próximo à praia de Ponta Negra. Seu nome se deve ao Bar da Salsa – música, não tempero – que sequer resistiu aos anos. Após uma primeira impressão agradável – centenas de saias acima das bundas, decotes e toneladas de silicone, pernas abertas e risos depravados – vem a decepção: repetição. A mais absurda manifestação do desespero niilista do eterno retorno estava ali, diante de nós. Aquelas centenas – milhares? – de pessoas ali eram apenas duas. A mesma gostosa na mesma mesa diante do mesmo gringo ou imitação do mesmo gringo – talvez fossem três, então. Os sorrisos – idênticos. As calcinhas, meu deus!, são as mesmas. É o mesmo por toda parte o falso interesse por trás da disseminada maquiagem, enquanto um homem de meia idade recua os ombros, levanta o queixo e avança o peitoral, se sentindo interessante e pedindo outro coquetel para a dama. A levantadinha pra ir ao banheiro e o rebolado calculado, os mesmos. A primeira abordagem – Não sou igual a essas aí, assim você me ofende – é a mesma; a pressa em perdoar e se sentar à mesa também. É a mesma prostituição de todo canto,

mas aqui – infelizmente – sem graça e sem preços tabelados.

Cinemix, 23h55 – acaba de se deitar no sofá outro homem, que disfarça seu nervosismo esticando e enlaçando as pernas. Em sua posição rígida, seu par de patas tamanho 38 parecem pés de bailarina. Ele se contorce, geme – já está nessa posição há 15 minutos, petrificado. Outro, o varão pioneiro, passara a noite acabrunhado, após seu fracasso em ter uma ereção, no começo do espetáculo. Ninguém percebera que escondida por uma face taciturna sua redenção se engendrava. Até que há 34 minutos ele se levantou com a insanidade de um Davi diante de Golias e subiu ao palco de seu fracasso como homem. Dramaticamente, a cena patética parecia se repetir – era o drama necessário às epopeias. Quando todos julgaram definitivamente arruinada a honra de nosso herói, ele ressurgiu dos mortos, armado com seu estilingue. Foram 8 minutos de um embate visceral que terminou com nosso pioneiro vitorioso. Seu rosto é mais pura expressão do amor-próprio. Desce o lance de escada do palco como uma divindade invencível. Não retorna à penumbra onde esteve toda a noite; se senta no lugar mais claro do salão; ele quer ser visto, quer que vislumbremos sua glória. Enquanto nossa musa cavalga em seu novo amante, de costas pra nós, atraindo com seu quadril a atenção de todos, nosso pioneiro apenas tem olhos para os pés de bailarina. Ele sorri discretamente – economizando. Seu riso terá de durar a noite inteira, até que durma.



FIM

VOCÊ ESCOLHEU ERRA

Quando era criança eu adorava as músicas do disco do Aguilar e da Banda Performática. Principalmente quando as vozes (inclusive do Paulos Miklos e do Arnaldo Antunes – pré-titãs) cantavam: “mas o que mais me dói, mas o que mais me dói, você escolheu errado seu super-herói!”.

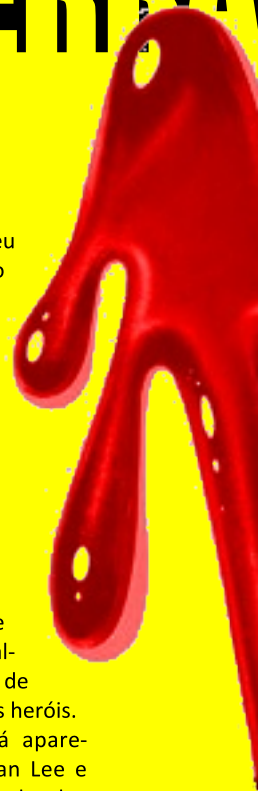
Era começo dos anos oitenta e eu estava completamente imerso no universo da Marvel e da DC Comics. Não havia outro mundo possível para mim. Os heróis eram reais. Eles estavam lá, viajando com suas capas coloridas, lutando contra o mal e vivendo suas aventuras e eu sentia bem no meu coração que a qualquer momento eles apareceriam. Por isso, eu fazia os meus próprios super-heróis, pastiches dos nomes famosos da Marvel e da DC que apareciam por essas praias nas páginas da Editora Abril.

Meu pai, comunista, não gostava do Capitão América, porque achava que ele era o modelo do imperialismo ianque e coisa e tal. Falves Silva, um dos maiores artistas gráficos da geração dos setenta, amigo do meu pai (que além de comunista era poeta e ator) usou uma estratégia melhor. Me apresentou: Guido Crepax e seus quadrinhos eróticos. Como os hormônios já estavam começando a fazer seu estrago, eu comecei a transitar lentamente dos ingênuos filhos de Stan Lee, para o modernoso e psicodélico universo do quadrinho europeu e do mundo underground norte americano.

Moebius, Crepax, Vulhemin, Liberatori e

o maravilhoso Robert Crumb (que eu já conhecia sem saber da capa do disco da Janis Joplin, que minha mãe ouvia sempre que ficava bêbada) entraram no meu campo de visão e começaram a me afastar da infância e de seus ícones. Foi aí que ocorreram os três grandes terremotos dos anos oitenta. Frank Miller com o Cavaleiro das Trevas, mostrou que o Batman podia ser um cara legal; Neil Gaiman, com Sandman pirou o cabeção de toda uma geração de aficionados por quadrinhos e finalmente... Watchman veio e arrasou de uma vez por todos com o mundo dos heróis.

Esse movimento era antigo. Já apareceu nos anos sessenta quando Stan Lee e Jack Kirby revolucionaram o mundo dos HQs comerciais transformando um “loser” em super-herói. Peter Parker era assim, igual a nós, semelhante a qualquer adolescente onanista e magricela, que tem a cara cheia de espinhas e que é submetido a vexatória situação de estar na base da cadeia alimentar masculina. Mas quando veste a máscara, ele se transforma em um fodão. Levanta um carro com uma mão, gruda nas paredes, sanza por aí balançando de prédio em prédio, namora com a Jennifer e ainda por cima sai no cacete com um sujeito verde que se locomove em um patinete voador e com um outro maluco que tem oito braços.



**tá na cara! (presunçosamente) apresenta:
Watchmen**

**com argumento de
Alan Moore
e
arte de
Dave Gibbons**

DO SEU SUPER-HERÓI

por Pablo Capistrano
www.pablocapistrano.com.br

Em Watchman, as coisas eram completamente diferentes. Roschach, Comediante, Nite Owl, eram todos versões de velhos heróis da falida Charlton Comics, que foram comprados pela DC e que serviram de base para que a dupla Allan Moore e Dave Gibbons pudesse construir a única série gráfica a estar figurada na lista dos 100 maiores romances da história da literatura, de acordo com a revista Time. Os heróis de Watchman são mais radicalmente humanos do que o velho Peter Parker.

Ampliando o alcance da intuição de Stan Lee, Moore e Gibbons construíram uma fauna muito particular de malucos, cheios de traumas, neuroses e distúrbios. Os heróis de Watchman são velhos aposentados que cobrem a cara com máscaras, capas coloridas e luvas e saem por aí, fantasiados. Seres normais que pensam que têm uma missão especial na terra. Pessoas comuns, cortadas por neuroses comuns, desejos comuns e pecados banais. Com exceção, é claro, do Dr. Manhattan (personagem inspirado no capitão Átomo da Charlton Comics) que tem só alguns poderes: telecinesia, telepatia, clarividência absoluta e o incrementado poder de mudar a estrutura atômica da matéria (ou seja, ele é Deus).

Watchman está há anos luz de tudo aquilo

que já havia sido feito no mundo dos super-heróis. A série introduz uma curiosa ferramenta metanarrativa, típica de cinema, em que histórias vão sendo contadas sobre novas histórias, de modo que o fluxo visual ocorra com base em superposições e repetições de temas e situações.

Inspirada na narrativa de Cut Ups, criada pelo velho junky beatnik William Burroughs (autor de Naked Lunch – o livro mais pirado que eu já li) e nas teorias da matemática fractal (que na época estavam bem na moda); Watchman levanta alguns dilemas éticos e políticos de grande relevância. Sobre o pano de fundo de uma iminente hecatombe nuclear, Deus (ou melhor, O Doutor Manhattan) observa o mundo e os esforços dos humanos em evitar o colapso da sua própria espécie em meio a um tédio profundo e a uma grande indiferença. Nesse cenário pré-apocalíptico, onde EUA e URSS ameaçam se destruir mutuamente em um genocídio nuclear, os pequenos tramas humanos se misturam a citações de Blake, Dylan, Nietzsche e Thomas Hobbes.

Nunca mais eu consegui ler minhas revistinhas do Capitão América, do Homem-aranha e do poderoso Thor, depois de Watchman. Nunca mais meu mundo dos quadrinhos foi o mesmo. Depois de Watchman, eu tive a certeza: eu



Sobre a carência feminina

por Leon K. Nunes
em <http://literaturavil.blogspot.com>

Houve um cara que disse que fazemos parte de uma geração criada por mulheres. E lançou o questionamento: será de uma outra mulher que precisamos?

Eu fui criado por uma mãe solteira. Sou apenas um traço pequeno numa estatística gigantesca. Com frequência, recebíamos visitas. Todas elas, naturalmente, a buscarem a companhia de minha mãe – meus amigos ou minhas garotas nunca me visitavam. Como era usual nas visitas, eu sempre ia para o quarto, já que as conversas eram quase sempre em tom frenético, e eu não conseguia ouvir a TV. No meu quarto, eu tinha a liberdade de não fazer nada sem que isso me fosse um incômodo. Eu escutava, então, as histórias ricas em detalhes que eram contadas na sala. Como geralmente eram mulheres que nos faziam a visita, essas histórias naturalmente eram centradas em homens. As mulheres – amigas de minha mãe – pareciam se divertir contando seus casos com homens de caráter duvidoso. Em geral, relações inacabadas, quase sempre interrompidas por algum acesso de intransigência, talvez por bebedeira, talvez por ciúme, coisas assim.

Eu me perguntava, então, desde garoto, até que nível um homem pode deixar atordoada uma mulher. Claro que isso não se mede. Eu nunca tentei, nem nunca me proporia a fazê-lo. Mas o tempo me traria as garotas e algumas respostas. Ou, por outro lado, trazia-me a ciência de que, para certas coisas, não há resposta alguma.

Então, já como uma forma de prevenção diante dessa imprevisível psique feminina, sempre mantive minhas relações bastante limitadas no aspecto psicológico. Dessa forma, eu me protegia e não teria nenhuma delas que me endeusaria hoje para me crucificar amanhã. Mas vai entender o que move esses acessos de cólera.

Eu me lembro de uma mulher com quem sempre saía, a Cristina, e quase sempre, quando tínhamos algum programa light, como um almoço ou coisa parecida, estávamos acompanhados de algumas de suas amigas. Cris – como gostavam de chamá-la, e se irritavam por eu somente chamá-la de Cristina – era uma espécie de consultora sentimental vinte e quatro horas. Para mim, durante algum tempo, as companhias não fazia diferença. Mas Cristina não gostava da forma como eu tratava suas amigas, que quase sempre traziam narrações tristes ou raivosas de seus casos fracassados.

Por que vocês sempre xingam os homens?, eu perguntava sarcasticamente.

Por que você não pode ser mais gentil com elas?, retrucava a Cristina. Ela nunca tinha razão. E admitia isso. Quando conversávamos a sós, sempre concordava comigo que suas amigas só falavam asneiras. Mas ali, diante delas, não poderia deixá-las desarmadas.

Como as amigas de Cristina foram ficando cada vez mais pentelhas e invasivas com o tempo, eu lhe disse que não sairia mais se fôssemos obrigados a acompanhar tais amigas desoladas. Seja paciente, ela me suplicava.

Suas amigas não sabem o que é a paciência, eu dizia.

Elas têm problemas como todo mundo, não percebe?

Não, elas não têm problemas; elas CRIAM problemas.

Então você agora defende esses sacanas de filhos mal-assumidos que enganam as mulheres?

Eu acho que eles poderiam comer melhor, dizia.

E quase sempre diálogos como esse criavam algum mau tempo entre nós dois.

E nesses dias, quando ia dormir, ficava me lembrando dessas mulheres que via, fossem as que acompanhavam a mim e à Cristina, fossem as que visitavam minha mãe, ou as que eu notava na faculdade, no ônibus ou nos bares. Essas pobres mulheres que tinham pavor de ficarem sozinhas para sempre, que acumulavam fracassos amorosos, que viam o tempo passar, que viam seus lábios vaginais dilatarem, e que não podiam fazer nada para conter essa dura realidade.

No fim, elas sempre engoliam as angústias e tomavam um ar mais autoconfiante. Diziam que haviam pensando bastante e que iriam se valorizar mais. E batiam no peito a dizer que, se os caras as desejassem de volta, eles que viessem procurá-las.

Eles nunca as procuravam.



Em 26 de março de 1993 a foto de um abutre espreitando uma menina debilitada pela fome estampava a capa do The New York Times. Ela fora tirada dias antes no Sudão, próximo ao centro de alimentação da ONU, pelo fotógrafo sul-africano Kevin Carter.

Carter chegara ao Sudão para documentar os movimentos guerrilheiros locais. Contudo, a emigração de centenas e milhares de pessoas em busca de alimentação acabou atraindo sua câmera. Ele contou que quando viu a cena ainda aguardou 20 minutos na expectativa de que a ave abrisse as asas; como nada aconteceu, tirou as fotos, espantou o abutre e partiu; não se teve mais notícias da garota.

Junto a seus amigos Greg Marinovich, Ken Oosterbroeck e João Silva, Carter pertencia a uma geração de fotógrafos apelidada de Clube do Banguê-Banguê. O Clube ganhou fama e nome pela cobertura dos conflitos políticos e da violência do apartheid nos primeiros anos da década de 90, na África do Sul. De forma objetiva e contundente, eles apresentaram o horror de sua época, trabalhando em meio a conflitos e expostos a graves riscos - como na foto ao lado, na qual Carter mostra o resultado de um ataque contra a vida de líder político da extrema direita sul-africana, em 1994.



clube do banguê-banguê

texto de angelo giroto



Ken Oosterbroeck, dias após bater esta foto e ganhar o Pulitzer por fotografia: "quero um trabalho de impacto. Algo que faça subir a adrenalina, que inunde o cérebro com a possibilidade e o potencial de fazer fotos poderosas. Sou um fotógrafo. Me dêem liberdade."

Em 18 de abril de 1994, Ken foi morto ao ser atingido por uma bala disparada pelas forças de manutenção da paz, no subúrbio de Tokhoza. Quem tirou a foto foi João Silva.



Homem é esquartejado por rivais políticos em 1992 - lá estava João Silva.

Numa seqüência de instantâneas, Greg Marinovich captura o momento em que um suspeito de ser colaborador do Inkhata é atingido na cabeça, após ter seu corpo incendiado por militantes opositores, na África do Sul de 1990.





Greg também presenciou o explosivo congresso do Partido Comunista sul-africano.

A miséria é uma constante na cobertura do Culbe do Bangué-Bangué; esta imagem chocante foi capturada por Greg Marinovich, na Somália.



Com sua foto mais famosa (pág. 21), Carter ganhou um Prêmio Pulitzer, um contrato com uma das mais prestigiadas agências fotográficas dos anos 90 e se tornou centro de grande controvérsia. Pessoas que na quase totalidade nunca foram à África ou apertaram a mão de um mendigo começaram a questionar a atitude de Carter, que se limitando a tirar a foto e espantar a ave, não teria ajudado a criança.

Em 27 de julho de 1994, ele ligou o escapamento de sua picape ao interior da cabine usando uma mangueira. Horas depois, à beira do rio onde Carter brincava quando criança, a polícia encontrou seu corpo no banco dianteiro da picape – morreu pela inalação de monóxido de carbono; no banco traseiro, um bilhete que continha o seguinte trecho: “Eu estou depressivo...sem telefone...dinheiro para o aluguel...dinheiro para o sustento das crianças...dinheiro para as dívidas...dinheiro! Eu estou sendo perseguido pela viva memória de matanças, cadáveres, cólera e dor...pelos crianças famintas ou feridas...pelos homens loucos com o dedo no gatilho, mesmo policiais, executivos assassinos...” A opinião pública, a hipocrisia e o remorso que se sentimos diante de nossa vergonhosa impotência – esses abutres – enfim tinham seu cadáver; alimentaram-se da carniça, daquilo que fora Kevin Carter, o homem que mirou os olhos da miséria humana.

A photograph of Albert Dickson, a middle-aged man with glasses, wearing a white button-down shirt with sunglasses tucked into the collar. He is sitting at a wooden table with his hands clasped. The background is a dark, textured wall.

Albert Dickson

“A administração do ex-prefeito gastou 300 mil reais comprando raticidas, o que significa 20 toneladas, suficientes para matar 4 milhões de ratos. Haja rato!”

Formado em Medicina, especializado em Oftalmologia, auditor fiscal e egresso da ETRN, Albert Dickson desenvolve, desde o ano 2000, atividade filantrópica, destinando durante a semana suas manhãs para atendimento oftalmológico àqueles que não podem pagar. São mais de 1.500 pessoas cirurgiadas por ano. Encontramo-nos com o vereador em seu consultório e conversamos sobre a CEI da Saúde e projetos sociais, uma grande paixão do Dr. Albert.

Albert, um tema relevante para a cidade é essa questão da Comissão Especial de Inquérito (CEI) da Saúde, que vem tomando espaço cada vez maior no noticiário de Natal e que envolve denúncias contra a gestão do ex-prefeito Carlos Eduardo. Como relator da CEI, como tem sido a sua participação?

A CEI é uma comissão que investiga irregularidades e eu sou o relator dessa comissão. Ela, na verdade, é um grande marco para Natal porque nossa intenção é realizar uma profunda investigação e garantir que seu resultado final não termine em pizza. Estamos investigando tudo, viajando, buscando o máximo de informações para que tenhamos um desfecho favorável para a cidade.

Até agora, quais foram as informações colhidas pela CEI?

O que temos visto, até o momento, são verdadeiros absurdos. De 2007 para 2008, a compra de medicamentos passou de 4,9 milhões para 10,2 milhões, sem aumento significativo da população de Natal. 70% de todo esse medicamento foi comprado com dispensa de licitação, coisa que só deve ser feita em estado de calamidade pública, o que não ocorreu.

É importante dizer que 76 toneladas de medicamentos foram parar na rede sanitária, o que é um perigo, pois prejudica significativamente o meio ambiente. Isto equivale a 13 milhões de reais

perdidos. Descobrimos, também, que muitos desses medicamentos eram comprados faltando 1 ou 2 meses para expirar a validade. Veja a que nível chegam os contrastes: o Departamento de Material e Patrimônio (DMP) recebeu uma reforma de 151 mil reais, tendo substituído, por exemplo, 10 metros de telhas por 1.400 metros!

É necessário destacar que muitas dessas empresas que compraram medicamentos, sem qualquer licitação, apoiaram financeiramente a campanha da ex-secretária de saúde, Aparecida França. E não para por aí. A administração do ex-prefeito gastou 300 mil reais comprando raticidas, o que significa 20 toneladas, suficientes para matar 4 milhões de ratos. Haja rato!

Por fim, perceba o cúmulo do despreparo. Constatamos que esse espaço utilizado para a conservação dos remédios tinha uma temperatura de 45° e que os postos de saúde não tinham remédios, por exemplo, para combater a gastrite, pressão alta e a dor.

Como a sua experiência como médico e auditor fiscal tem contribuído para a sua atuação na CEI?

Essa é uma comissão presidida pelo vereador Hermano Moraes e composta por Ney Júnior, Paulo Wágner, Heráclito Noé e eu fui escolhido como relator. Com certeza, a experiência como auditor e na área da saúde influenciaram essa decisão. Temos aproveitado isso para agir com rigor na apuração das denúncias e elucidando os fatos, colhendo notas fiscais, buscando os depoimentos, inclusive do próprio ex-prefeito e, sem dúvida, vamos chegar a um resultado satisfatório para a população, com

transparência e, de minha parte, com muita determinação.

Por fim, Albert, esse é o seu primeiro mandato como vereador. O que seria importante destacar nesses primeiros meses na Câmara de Natal?

Essa é a minha primeira experiência na política. Candidatei-me a convite de Mícarla, mas não tinha grandes expectativas. Foram 6.688 votos, demonstrando confiança num projeto de valorização do ser humano, ideias que se encontram com meus valores evangélicos.

Temos trabalhado intensamente e com muita disposição. Em breve, 50 mil crianças da rede municipal de educação de Natal deverão ter assistência oftalmológica gratuita através da nossa ação. E isso é algo muito importante. Hoje, 16% das crianças têm baixo rendimento escolar por causa da deficiência visual.

Além disso, aprovamos 16 projetos de lei, valorizando a população evangélica, as pessoas mais carentes – como, por exemplo, o projeto que proíbe o corte do fornecimento de energia em determinados horários – e melhorando a vida na cidade. Há projetos que tratam sobre os idosos, as mulheres, as crianças, enfim, nosso mandato está a serviço de todos.

Temos também dois sites na internet, www.vidaeprofissaodedicadosaopovo.blogspot.com e o www.albertcombonsolhos.com.br, para quem quiser ter mais informações. Fazemos um convite para que acompanhem, pois nosso mandato é transparente e está, efetivamente, trabalhando para construir uma cidade mais digna da nossa população.

Principais Ações do Mandato

- ✓ Lei antipixação;
- ✓ Projeto Saúde Idoso: Academia para a 3ª idade nas praças da cidade;
- ✓ Saúde da criança: Teste do olhinho em recém-nascidos para evitar a cegueira;
- ✓ 31 de outubro, dia do Evangélico;
- ✓ Marcha Para Jesus, em setembro, como evento parte do calendário da Cidade;
- ✓ Música Gospel como evento cultural;
- ✓ Lei da estocagem de medicamentos;
- ✓ Cartão saúde da mulher;
- ✓ Lei que proíbe a COSERN de desligar o fornecimento de energia nos fins-de-semana e a partir das 15 horas entre segunda e sexta-feira;
- ✓ Reutilização da água na construção civil.



Rimas do meu Verso

textos de Meri Medeiros

Reflexões de Vida

No último dia quatro do corrente iniciamos uma peregrinação de reconhecimento do nosso imenso e querido solo brasileiro, de tantas potencialidades como também de profundas desigualdades sociais. Temos aprofundado o nosso lado onde habita o sentimento mais elevado e altruísta que é o espírito da solidariedade e fraternidade.

Depois da bela rainha das ALTEROSAS na histórica Minas Gerais, no emocionamos a soletrar as candentes palavras dos heróicos inconfidentes: Cláudio Manoel da Costa e Alvarenga Peixoto que do infortúnio dos seus sofrimentos, perpetrados pelo ódio do poder inquisitorial, transformaram suas dores num canto belo de amor a suas musas e aos seres humanos.

Ao chegar à paulicéia tão bem cantada em versos consagrados pelos poetas, sentimos como se fosse uma lâmina ferindo

as nossas entranhas, e que foi diante do logradouro denominado de Princesa Isabel que libertou a escravidão servil que cobriu de imensa vergonha nossa nação.

É aí que constatamos que a perda da identidade e da condição da cidadania, perdida pela extrema miséria a que são arrastados homens e mulheres que dificilmente voltarão ao convívio social na harmonia entre os protagonistas e a sociedade contemporânea.

Essa avaliação nos faz crer nos valores eternos e indissolúveis de que a fraternidade e a solidariedade entre os entes sociais mostra que cada um de nós somos portadores da missão de transmitir, aos nosso semelhantes, um pouco do muito que carregamos na essência dos imensos valores espirituais.

São Paulo, em 09 de janeiro de 2009



No próximo semestre, será lançado o livro **Rimas do meu Verso**, do poeta Meri Medeiros, comunista dirigente do PC do Brasil, militante ativo da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins e anistiado político. tá na cara! tem grande satisfação em antecipar pra seus leitores dois textos inéditos que farão parte desse importante registro feito com "esse agudo olhar afiado de quem é douto no assunto"

Nos idos do ano de 1963, há aproximadamente quatro décadas, na atual Rua Coronel Cascudo – solenemente, uma figura que despertava a atenção e a alegria de todos os que tiveram a oportunidade de ver e conhecer de perto, a sua figura humana e simples, de cidadão-da Serra do Martins. Na sua visão ingênua e pura da vida. Sua idade, ninguém sabe ao certo, pois na fortaleza da sua negritude, não dava para se perceber ou precisá-la. Deduzíamos que a sua origem era a dos escravos da mãe África, pelo seu aspecto físico. Seu nome: FELIPE NERIS BALISA.

A sua maneira franca, direta e extrovertida chamava a atenção e a curiosidade dos transeuntes da artéria central da velha Natal, também chamada de "Beco da Liga", tendo como referência maior, o prédio solene e formal da Liga Artística Operária Norte-riograndense. Felipe era uma espécie de administrador do prédio onde se localizava o estabelecimento de comércio, chamado "Caso Régio". Seus hábitos e linguagem própria de homem do interior, me encantavam, pois o inesquecível Felipe, tinha dialeto próprio e adequado para as mais diversas ocasiões. Nas noites imensas e calmas da velha Natal, ainda vejo surgir da escuridão da noite, a sua silhueta negra e escura como a própria noite, se destacando apenas pela

brasa fumegante do seu indispensável cachimbo.

Felipe se sobressaía por hábitos peculiares, era adepto de cerveja "estupidamente" gelada, a quem chamava de "FRIA", e sorvia de uma só vez, o conteúdo de uma garrafa num copo grande de alumínio reservado com exclusividade para o seu uso. Estes atos eram precedidos de grande algazarra, no tradicional bar do saudoso NAZI, ou num bar típico de comida sertaneja, que existia na Rua Princesa Isabel, ao lado das "Lojas Brasileiras", antiga 4.400, da época, o bar tinha o nome sugestivo de "Cacareco". O bom e ingênuo Felipe revive um tempo em que os valores humanos tinha um outro valor e uma outra conotação, que está prestes a desaparecer dentro da pretensa modernidade. Àquela época, a cidade de Natal era como se fosse a passárgada do imortal Bandeira. A cidadela do nosso desejo e dos nossos sonhos. Hoje, ao olhar a cidade, a vemos desfigurada e triste, seus personagens como o inesquecível Felipe com as suas estrondosas gargalhadas, e o seu dialeto próprio desapareceram nas brumas do tempo, e só ficaram eternizadas na nossa memória e na perenidade das nossas lembranças.

Natal, em 10 de janeiro de 2002



conquistou mais nada para dentro das divisas desse estado. O ABC chegou àquela final desacreditado, totalmente sem crédito, houvera, tempos anteriores, perdido de 5x0 para o pobre Assu, time tão sem representatividade que a maioria se esquece até de ligá-lo à cidade de Assu, situada ali no Oeste Potiguar. Na época, a equipe que o ABC enfrentaria na final, liderada pelos medhões Souza e Paulo Isidoro, repro-
duzia tudo que há de besta e reacionário no futebol, o desprezo pelo planejamento e da eficiência acima de tudo, o desprezo pelo projeto de administração, o caráter austero e a eficiência maior que a que se ama o time, que tem o menor valor de um time com o caráter do futebol da chuteira. Depo-
que “o nosso time da por todos, brá’las eles são lembrado. Dili-
aquela campanha-
le momento —
ABC Futebol
to-estima reestruturada
de 2007 para cá, como um
a apoteose da civilização norte-riograndense surgiu, enfim, como a frente desse povo. O
ABC só não é maior pela pequenez dos seus torcedores. A maioria dos torcedores jo-
vens do time analisam-no como quem discute futebol no videogame, influenciado pelas bobagens europeias ou do eixo Rio-São Paulo. Mas o ABC está além. O ABC



ABC,

PARA ALÉM DE QUALQUER LÓGICA

por Leon K. Nunes
ilustrações de Ana Luisa Medeiros

Comecemos este artigo, que, na verdade, não é somente um artigo, é um libelo invertido de um torcedor, com uma frase clichê: o futebol não se mede através de argumentos racionais. Não somente deles, pelo menos. Qualquer coisa que ligue o futebol à racionalidade está, de imediato, equivocada. Talvez por isso, o debate sobre o futebol hoje tenha suscitado tantas incompreensões, e, também talvez por isso, a paixão pela bola esteja, cada vez mais, diminuindo no coração de muitos brasileiros, boleiros de nascimento – ainda que pareçamos ver o contrário na televisão. Mas há times e torcedores que, felizmente, rumam na contramão dessa tendência absurda e autodestrutiva.

Em nosso estado, provinciano por puro vício ou preconceito, existe um time de futebol que, a despeito do que pensem sua diretoria e parte de sua torcida, está além de qualquer razão. O ABC Futebol Clube – o time em questão – ainda hoje não se oferece como objeto de análise, porque analisar o ABC é discorrer sobre os

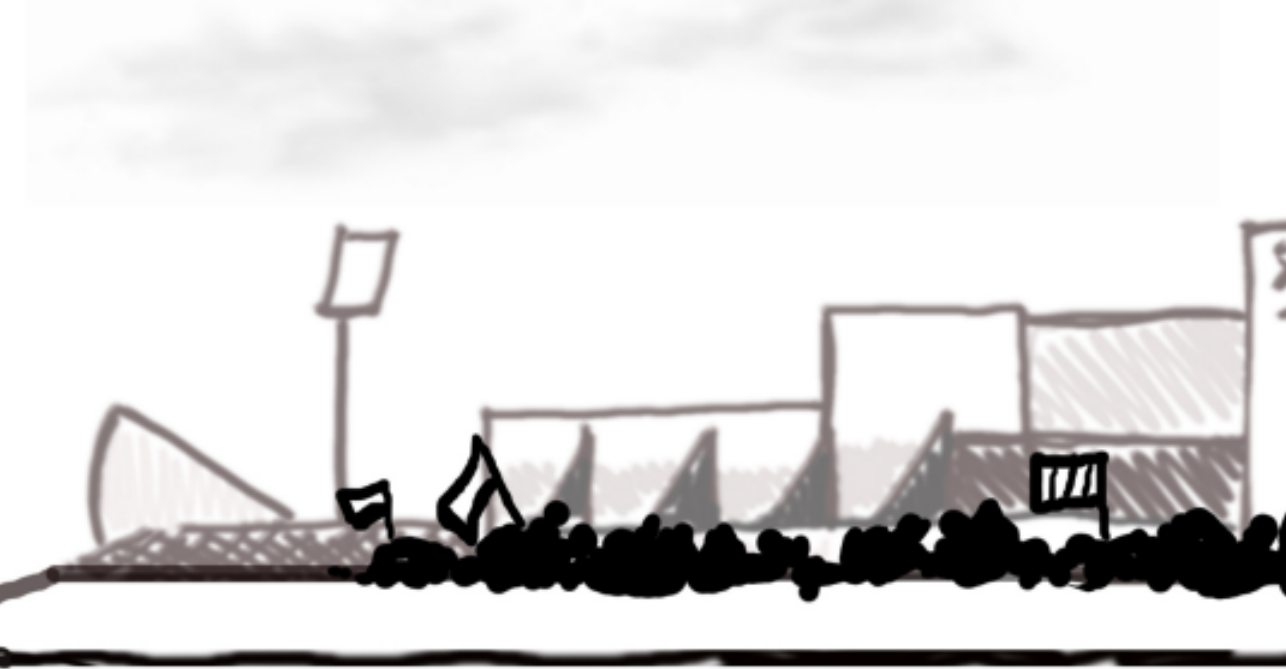
universos paralelos: todos entendem perfeitamente o que significa, mas ninguém sabe explicar direito o que é. O ABC Futebol Clube é time de histórias e vivências, time que está presente na vida de seus torcedores, que faz o namorado manicaca deixar a namorada sozinha em casa, que faz o fiel adiar a visita à Igreja, que faz o militante abandonar suas reuniões de Partido. Num espaço, aquele espaço que ainda resiste como baluarte de tantas emoções – o estádio de futebol – estão todos em conagração, mesmo os anti-sociais, os depressivos, os tímidos. Não é pouca coisa. Qualquer coisa que se proponha a unir várias pessoas num só lugar corre o risco de ser uma grande bobagem. Vide as micaretas e as praias no verão. Na era da tecnologia, os momentos mais interessantes estão cada vez mais se diluindo aos momentos de solidão. Mas no caso do futebol, o compartilhamento ainda é uma fonte de alegria e de vida.

Quando me ofereci a escrever algo sobre o ABC, pensei que po-

deria frisar a matéria na história do Clube, já tão conhecida, já um objeto de justificado culto. Seriam meras repetições. Pensei que as glórias recentes deveriam voltar a ser lembradas – talvez sejam, mas não as coloquei como o foco principal do texto. Decidi que escreveria sobre o principal fator que torna os torcedores torcedores. A mística do clube, a mística da camisa, aquele simbolismo, aquela força que faz com que o desacreditado elimine o favorito, aquela explicação para uma pergunta sem resposta, surge cada vez que temos casos mais latentes de surpresa no futebol, mesmo que essas surpresas só sejam surpresas para aqueles a que me referi: os que tentam discutir o futebol “racionalmente”.

Ressurge o Mais Querido Ainda está vivo na cabeça

dos torcedores rivais, aqueles da equipe vermelha, a dura lembrança de sua última quase conquista. Seus sorrisos, os gritos efusivos, tudo isso se perdeu no



tempo. Minou-se, sucumbiu a si mesmo na final do Campeonato Potiguar de 2007, há quase dois anos, portanto, e de lá o time que então era considerado o melhor do território papa-jerimum não conquistou mais nada para dentro das divisas desse estado. O ABC chegou àquela final descreditado, totalmente sem crédito, houvera, tempos anteriores, perdido de 5x0 para o pobre Assu, time tão sem representatividade que a maioria se esquece até de ligá-lo à cidade de Assu, situada ali no Oeste Potiguar. Na época, a equipe que o ABC enfrentaria na final, liderada pelos medalhões Souza e Paulo Isidoro, reproduzia tudo que há de mais besta e reacionário no futebol, o discurso do planejamento e da eficiência acima da paixão, do amor que liga time e torcida. O pretensioso projeto de administração do América – eis o conhecido nome da equipe vermelha – era austero e digno da principal característica do time, visto que premiava a monotonia da eficiência mauricinha, o futebol play-

boy, aquele que ri de qualquer um que diga que ama o time, que abandona o gosto da vitória pelo gosto de alguma coisa que não tem o menor valor. A tal “administração austera” nada significa, quando se bate diante de um time com mística, um time que respeita a sua história e o seu caráter, e o caráter do futebol – que é, nada mais e nada menos, que o coração nas pontas da chuteira. Depois daquela final, os torcedores rubros se contentavam apenas em dizer que “o nosso time era melhor”.

Aquela campanha americana já foi praticamente esquecida por todos, sequer os cronistas esportivos pouco criativos desta terra costumam lembrá-la; eles sabem que se trata de um grande vexame que merece não ser mais lembrado. Diluída na cabeça dos próprios torcedores do time vice-campeão de 2007, aquela campanha até hoje está viva na cabeça dos abecedistas, que presenciaram, naquele momento – naquela final vencida pelo alvinegro por 5x2 –, o

renascimento do ABC Futebol Clube, depois de um lustro distante dos palcos vitoriosos. Com a auto-estima reestruturada, não só para si mas para todo o futebol potiguar, o ABC, de 2007 para cá, como antes, como desde 1915. O ABC ressurgiu, enfim, como a apoteose da civilização norte-riograndense, como estágios à frente desse povo. O ABC só não é maior pela pequenez dos potiguares. A maioria dos torcedores jovens do time analisam-no como quem discute futebol no videogame, influenciado pelas bobagens européias ou do eixo Rio-São Paulo. Mas o ABC está além. O ABC é a síntese dialética dos natalenses desse último século, da cidade barroca e potente de Natal. Ou seja, é inviável fazer comparações do ABC com os outros clubes de sua região, simplesmente porque ele se basta, não pode ser avaliado pela lógica formal da mercadoria.

O ABC não é lógica instrumental, não leva a nenhum objetivo determinado... ele é puro êxtase.



CINEMA

por Angelo Girotto

Com: Max Von Sydow (Antonius Block), Gunnar Björnstrand (Jöns), Bengt Ekerot (Morte), Nils Poppe (Jof), Bibi Andersson (Mia), Inga Gill (Lisa), Maud Hansson (Bruxa), Inga Landgré (Esposa de Antonius Block), Gunnel Lindblom (Garota), Bertil Anderberg (Raval), Anders Ek (Monge), Gunnar Olsson (Pintor da igreja), Erik Strandmark (Jonas Skat) e Åke Fridell



Há uma cena em O Sétimo Selo que catalisa todo o sentido do filme. Trata-se do momento em que uma jovem acusada de bruxaria está prestes a ser queimada na fogueira da Santa Inquisição, quando o personagem de Max Von Sydow lhe inquirir sobre o Diabo. Ele deve saber de Deus, afinal o conhece mais que todos. Este filme de 1956, de Ingmar Bergman, trata da busca de um fidalgo pela presença de Deus, e de sua insatisfação diante do silêncio que persiste, sem respostas.

Voltando das cruzadas, Antonius Block e seu escudeiro Jöns se deparam com os horrores da Peste Negra e de uma sociedade que queima pessoas inocentes em busca de culpados e sentido para o mal que a assola. Nesse retorno, o fidalgo se depara com a Morte, que diz há muito o acompanhar, e numa das mais brilhantes imagens já criadas no cinema, ambos jogam uma partida de xadrez onde está em disputa a vida do fidalgo.

Inconformado com o silêncio de Deus, Antonius tenta com o jogo ganhar tempo para obter

respostas, ou mesmo um sentido à vida. Ele não aceita que a Morte exista e se manifeste, enquanto Deus não dá nenhum sinal de que exista. Na cena citada acima, o escudeiro Jöns responde aos questionamentos de seu senhor Não há nada lá, só o vazio, é o vazio que ela vê. Em cena anterior, é o mesmo Jöns que protagoniza um grande momento do filme, quando Jof o censura por se divertir com a confusão entre um lenhador e um ator (no caso, o amante da esposa do primeiro) e ele responde Nas terras do sul, existe um animal chamado macaco. Os acontecimentos imediatos irão justificar sua afirmação, expondo uma cortante e irônica percepção das relações humanas e seus vícios, como se dissesse Vejam, como ainda somos tolos e primitivos. Em um outro contexto, essa cena soaria como uma piada mal acabada, mas aqui se encaixa com precisão na história.

Parece que ao passo em que vai nos mostrando a ausência de Deus e a decorrente finitude da existência, o filme nos pergunta se damos uma finalidade digna a nossas vidas. A resposta vem dúbia. Por um lado, o pessimismo de Jöns, que é



O Sétimo Selo

Suécia, 1956

dirigido por Ingmar Bergman

corroborado pela análise dos personagens do leñador, sua esposa e seu amante e mais agressivamente pela observação da sociedade medieval. Por outro, o filme nos alimenta alguma esperança na tentativa de Antonius de salvar o casal de atores e seu filho Mikael e na relação fraterna destes com seus amigos.

Ingmar Bergman fez diversos filmes abordando o mesmo tema, mas nenhum outro foi tão direto ou elucidativo. Em Luz de Inverno – excelente filme – um pastor atordoado não consegue impedir o suicídio de um fiel angustiado com o mundo em expectativa de guerras e outros flagelos. Em Persona, uma atriz emudece em meio à encenação de Electra e não mais volta a falar. O que a teria feito calar? O filme insinua, entretanto a resposta talvez esteja em O Sétimo Selo. O silêncio de Deus não era aceito por Bergman, que talvez preferisse um Deus mais eloqüente; morreu se dizendo um “homem de teatro, não de cinema”, mesmo sendo o maior cineasta que já existiu; sua morte não lhe trouxe respostas, mas disso ele já sabia.

A Morte já foi representada de diversas for-

mas pelo homem nas artes, nas religiões, na ciência. Em O Sétimo Selo ela aparece materializada, inegável e irredutível, contudo não se trata de um ente físico ou entidade sobrenatural, aqui a morte é um fato que por si se justifica. A caracterização do personagem e sua interpretação são motivos para comemoração a parte. Aliás, todo o elenco está impecável no filme, especialmente a belíssima Bibi Andersson.

O mundo em O Sétimo Selo não é outro senão o nosso. Nesse mundo, a busca por respostas é constante. E quando elas surgem, geralmente não são como desejávamos. A esperança que remanesce da obra é a de podermos desfrutar de momentos como o do fidalgo junto a seus acompanhantes e ao casal de atores a beber leite e comer morangos silvestres. Uma esperança sutil, uma felicidade sutil. Entretanto, em tempos de exagero e artificialidade, o filme mantém sua força exatamente pelo sereno e sensível sentimento que traz. Assistir a O Sétimo Selo – além de um deleite visual – é uma experiência verdadeira e honesta, um encontro com nossa humanidade.



**Ma
tou
a garota e foi
à
i
gre
ja**

por Leon K. Nunes

**GOZA, GOZA DA FLOR DA MOCIDADE,
QUE O TEMPO TRATA A TODA LIGEIREZA,
E IMPRIME EM TODA A FLOR SUA PISADA.
OH NÃO AGUARDES, QUE A MADURA IDADE,
TE CONVERTA ESSA FLOR, ESSA BELEZA,
EM TERRA, EM CINZA, EM PÓ, EM SOMBRA,
EM NADA.**

Gregório de Matos

“Goza, goza da flor da mocidade”, era como Gregório de Matos cantava as menininhas de sua época, e continuava: “... que o tempo trata a toda ligeireza, e imprime em toda flor sua pisada”. Nem todas as boas moças, todavia, têm oportunidade de sentir o toque sagaz do tempo em suas faces. Há as que se deixam ir tão cedo, as que se façam ir tão no princípio da vida, as que desgostem tanto dessa aventura estranha que é estar consciente. Meninas de todos os cantos e todas as classes, de pequenas socialites a social-excluídas, loiras estonteadas ou negras pujantes, extravagantes, discretas, limpas, sujas. São a totalidade delas uma só, estão todas encerradas numa mesma vala. Boa parte terá a vida abreviada – para o bem ou para o mal. Ana Paula era uma que se incluía nesse grupo das que se vão tão brevemente, na idade comum de debutante, um tipo feminino, nada especial, mas nada ao que ser indiferente. Era menina bonita, de corpo bem curvado, de sorriso sempre exposto, de voz bem estridente. Mas Ana Paula merece que pensemos nela? Tanto creio que não, que lhe ofereço estas páginas em memória, e apenas elas, porque depois nunca mais me ocuparei de recriar ou mesmo rediscutir a história que aqui será contada. Pois Ana Paula, como é o destino de todas elas, por mais que algo fosse, tão-somente era – já não é mais. Nossa história terminou há seis dias.

Antes

A mulher é bicho bom pra despertar curiosidade, não à toa objeto de inspiração para letras de música boas, para letras de música ruins, para poesias, para estudos acerca da animalidade humana, e para tantas outras variedades, porque ela traz potencializado em si tudo o que é mais humano, do caráter luxurioso e subversivo aos medos e fraquezas, sem que resida nisso nenhuma contradição. E enquanto observava Ana Paula, eu pensava tudo isso. Porque Ana Paula ria demais, falava demais, se mexia demais, era o altar da inquietude. Era uma peça de laboratório, merecia uma pesquisa maior. Passei, então, a vigiar a dita cuja.

Segui-la, entretanto, não era tarefa fácil. Ela saía bem cedo de casa, todos os dias, acompanhada pelos pais. E voltava à noite, ainda na companhia deles. Estudava pela tarde, e nas horas em que não estava na sala, estava dando alguma força, necessária ou não, na cantina da escola – gerenciada pelo seu pai. O fato

de ela estar sempre sob supervisão me fez adormecer a ideia de continuar em sua cola, então simplesmente eu a fui esquecendo.

Mas eu não precisava mesmo correr atrás da Ana Paula. Ela passava todos os dias em frente à minha casa, dirigindo-se ao caquético bairro da Cidade da Esperança, ora trajando fardamento escolar, ora trajando suas roupas de cotidiano, como blusas apertadas, barriga à mostra e pequenos shorts surrados. Eu a ficava olhando e pensando, eu fazia isso diariamente em casa, não trabalho, não estudo, não faço nada. No alto de meus 24 anos, resta-me viver em casa sob as reclamações desordenadas da minha pobre mãe e a batuta de meu pai, que pensa ter alguma autoridade, mas cuja ordem nunca, sequer, se sustenta – ele quem me dá dinheiro para comprar os baseados que puxo diariamente. O teu filho não importa nada na tua vida?, gostam de perguntar, em coro, os dois, quando falamos de emprego, de sustento, coisas assim. Não o

metam no meio de nossos problemas, é só o que lhes digo. Meu filho tem 4 anos, realmente não merece responsabilidade por nada.

É pelo meu filho, aliás, que quedo-me a pensar tanto sobre o que fazer. Sou um pai desajeitado e drogado, viciado em prazeres imediatos, como álcool, maconha – dou uns tapas pelo menos três vezes ao dia, manhã, tarde e noite – e masturbação, delicio-me com as meninas do bairro, sigo-as, filmo-as com uma câmera digital de visor quebrado, crio verdadeiras fantasias com cada uma delas, como se isso fosse me despertar para certas questões, como se me desse um emprego, por exemplo, para tornar-me referência para o filho. O meu problema, no final das contas, é a autoestima perdida, a sensação de nada conseguir fazer por nada ter capacidade. Não tenho muitas condições também, sou um adulto mandão em casa, mas, na prática, estou limitado pela vida financeira de meus pais, então não tenho como procurar psicólogos ou frescuras afins, não tenho como ler, fico apenas com a sensação de vazio que se abate sobre alguns que passam pela adolescência sem conseguir sanar os fracassos do passado.

Mas voltando a pensar na Ana Paula, quando fico matutando a pessoa que ela é, e isso eu faço com todas as que passam diante de minha casa, eu sempre penso que haveria algo de legal a fazer com ela. Ora, as pessoas estão aí, e estão todas elas muito distantes uma das outras, eu não gosto de me deixar levar por essa distância, a minha família e os que me conhecem – os que sabem quem está relatando isto, vez que não me identificarei assim, voluntariamente – têm nítida certeza de que sou sociável e meigo. Tímido demais, até. E nós sabemos que há muitas pessoas diferentes, pessoas que passam pela vida sem um zero de angústia, pessoas que vivem vidas presas a seus relacionamentos e isso, o namoro, ou flerte, se torna o seu maior conflito, e essas pessoas estão em todos os lugares. Eu não sou assim nem nunca quis, minhas necessidades nunca se resumiram a essas crises adolescentes, meus conflitos são outros, de caráter

mais elevado. Só preciso de algum escape para isso, alguma novidade em minha vida, e só depois que observei durante dias a Ana Paula a passear ante meus olhos é que concluí que ela deveria ser a pessoa a me proporcionar isso.

Numa segunda-feira, sete dias atrás, pensei em me dirigir a ela para que nos conhecêssemos, ela nem sempre estava sozinha, é verdade, mas imaginei que ela fosse compreender o meu interesse e que nos daríamos bem. Nesse dia, contudo, ela estava acompanhada dos pais e indo para a igreja que frequenta, passaram lá todos eles; ela, pais, tios, entre outros que não conheço, podiam ser irmãos, primos, algo assim. Decidi segui-los, indo, assim, até a igreja, e ainda que estivesse desarrumado diante daquela multidão de crentes cheirosos, penteados e engomados, entrei mesmo assim para assistir ao culto. Durante a sessão, o pastor nos vê, vê a todos, e lança palavras fortes de incentivo e superação, e aponta para algumas pessoas, levando-as a crer que realmente aquilo lhes é direcionado, até que um desses fraseados ele o faz pra mim, dirige à minha pessoa, provavelmente por notar que sou novato na área. A sessão persiste enquanto a igreja vai lotando, e eu procuro a Ana Paula, observo que ela está do outro lado, na outra fileira, e decido ficar observando-a, aproveitando um momento de mais descontração entre as pessoas, onde eu poderia vigiá-la descaradamente sem ser, assim, percebido. Até que se reinicia a oração e eu me envolvo nela, persistindo durante todo o culto; então, num momento solene, onde todos fecham os olhos e oram, eu os sigo na prática e também tento orar de olhos fechados, até que uma senhora vem até mim e põe as mãos na minha



cabeça – abro um pouco os olhos e percebo que se trata da mesma senhora que estava lá na frente ao lado do pastor –, então ela mexe minha cabeça recitando palavras incompreensíveis, e o coro da multidão em oração estava muito alto, entrando uma música logo depois com a banda ao vivo, e todo aquele clima me atordoava demais, me toca demais, e o pastor canta lá na frente algo que diz assim ENTÃO ACONTECERÁ QUE SUA VIDA MUDARÁ, EM MESES DE SETE DIAS, VOCÊ VERÁ.

Então, saí mais cedo da igreja, fui para casa e dormi 12 horas seguidas.

Durante

No dia seguinte, portanto terça-feira, tudo o que eu pensava se misturava, eu não conseguia entender bem as coisas, levei os dias como levo todos os outros, à base de comida e de maconha, quando enfim, no início da noite, eu me dirigi até o Bom Pastor, onde encontraria alguns meus amigos. Mas no meio do caminho, eu encontrei a tal da Ana Paula e fui ter com ela alguma prosa, mas ela não estava muito disposta, eu a chamei e ela me ignorou, e seguiu seu trajeto, um trajeto até longo – pelo visto, parece que ia até a Cidade da Esperança, então eu teria algum tempo para agir. Decidi ligar pra um amigo, o Dudu, gente boa, sempre quebrou meu ga-

lho. Temos uma coisa pra fazer, eu lhe disse pelo telefone. Está por perto? Ele estava. E nem precisei sumir da

rota da garota para encontrar esse amigo, o Dudu. Ele veio no carro do pai, um Chevette

meio barulhento, eu entrei rápido e indiquei para ele qual era a

garota que precisávamos pegar, e ela estava ainda bem visível, uns vinte passos adiante. Agimos rápido. Dudu parou pouco à frente dela, descemos, e ela nem parecia notar nossa presença. Então, nós a agarramos. Ameaçamos e demos um jeito de amordaçá-la rapidamente, empurrando-a para o banco traseiro, no qual eu também entrei e o Dudu arrancou rapidamente no Chevette gritante, tão gritante que parecia que estava somado à histeria reprimida da Ana Paula. Dois ou três moleques de menos de dez anos olharam a cena com suspeita, mas não pareciam entender o que acontecia. Em cinco minutos, já estávamos a quilômetros dali. Ela estava em nossas mãos.

O Chevette cortava as ruas dos bairros decrepitos do Bom Pastor, Cidade da Esperança, dirigindo-se até os quinhões da Cidade Nova, mas a esta altura já numa velocidade mais amena, visto que já não tínhamos com o que nos preocupar. Restava apenas encontrar algum lugar escuro e distante para darmos um jeito na Ana Paula, que tentava se debater mas estava presa em meus braços, e enquanto eu a segurava firmemente ia tentando boliná-la aos poucos. Nós tínhamos lhe enfiado um pedaço de pano na boca para que se calasse, mas eu tirei o pano, já todo lambuzado da sua saliva, e tapei sua boca com a mão mesmo, até que chegássemos ao destino, nos idos do lixão do bairro, um local fedorento e pouco visitado nessas horas da noite, ainda que fosse cedo. Dudu saiu da estrada e estancou o carro em cima da calçada de barro, logo ao lado do matalgal recheado de detritos e excremento, mal parou o veículo e já foi descendo e puxando a Ana Paula pela perna esquerda, puxou com tamanha força que daria até pra ter causado algum tipo de fratura, e pelo visto causou mesmo, vez que ela, bem se notava, já estava lacrimejante. Num ato rápido, seguramos ela, nós dois, já fora do carro, e corremos para o meio do mato, até uma área de declive, onde, antes de a jogarmos no chão, demos-lhe vários cocorotes para que ela ficasse ao menos tonta. Formos rápido na hora de tirar as calças porque não teríamos muito tempo, então eu a segurei e o Dudu foi rápido e violento no estupro, a Aninha, como nós carinhosamente a chamávamos no ato, apenas grunhia, mas grunhia alto, já estava incomodada, e



eu também já estava igualmente incomodado com a minha mão prendendo a sua boca, então puxei a sua blusa, puxei rápido, rasgando-lhe primeiro a parte da manga, e nesses lapsos ela podia gritar livremente porque eu não a amordaçava, e tudo que ela fazia era tão somente gritar Ahhhhhhhhhhh, nem sequer pedia socorro, nem sequer pedia para pararmos, de maneira que todo seu berro nem nos sensibilizava, e em dois ou três puxões que a contorciam toda, eu consegui rasgar toda sua blusa que era vermelha, era do América Futebol Clube, e quem gostou foi o Dudu, porque ele não é americano, e ainda disse: no final das contas, ela tá do mesmo jeito!, e ele estava certo, olhando bem – o local estava bastante escuro – dava pra se notar que a pele dela já estava bastante avermelhada pela forma com que a segurávamos bravamente, então uma vez que eu consegui roubar-lhe a blusa, prendi na sua boca e amarrei por trás, podendo, assim, amordaçá-la de maneira ainda melhor, e ainda lhe dando mais uns murros no rosto para que não tentasse mais escapar. Então o Dudu saiu de trás dela e me disse agora é a sua vez!, e eu fui lá com todo gosto, mas quando eu vi ele já tinha feito um estrago na região genital da menina, então eu até a penetrei, mas nem me demorei muito tempo, grande parte de minha excitação já tinha sido suprida com toda aquela situação, a submissão completa da Ana Paula à nossa força, eu nem quis mais pôr em prática meu plano original, de vê-la me agraciando, me elogiando, me bolinando, mas deixa pra lá, eu já estava satisfeito, queria apenas juntar mais algum sadismo àquilo tudo, fiquei esmurrando sua bunda até que ela ficasse meio desfalecida, xingando-a raiosamente, então peguei um pedaço de galho de árvore, uma casca grossa, acho que de marmeleira e comecei a enfiar em sua vagina, ela se contorceu muitas e muitas vezes, até que enfim se resignou, parecia que tinha desmaiado, o Dudu quando viu se assustou, que porra é essa?!, gritou meio estupefato, eu nem lhe respondi nada, nós paramos então e levantamos e ficamos olhando para ela lá, jogada, então o Dudu achou por bem pegar mais um pedaço de madeira que havia por perto, dizendo abre o ânus dela!, e eu fiquei ainda mais surpreso do que ele havia ficado, mas fui lá e abri, e ele foi enfiando até onde dava, e isso parece que despertou a Aninha, pudemos notá-la mexendo os braços e eu falei para o Dudu, temos que fazer algo, então ele estrangulou-a com as mãos até que ela ficasse definitivamente desacordada, e somente depois ele tirou a camisa de sua boca e amarrou no pescoço, prendendo-a muito firmemente, após isso pegamos o corpo dela e procuramos uma vala mais funda para jogá-la, e assim que encontramos o fizemos, jogamos lá

o seu corpo e pusemos alguns entulhos em cima, de maneira que sob o ar fúnebre e leitoso, ficaram à mostra apenas o seu braço misturado a um monte de lixo e uma menção ao patrocínio que era exposto na camisa que a esganava: Nutriday.

Depois

Nos dias que se passaram, começou a rolar a maior boataria sobre qual teria sido o destino da Ana Paula. As pessoas estavam, na verdade, muito incomodados com o que a própria poderia ter feito. Essa irresponsável fugiu de casa, era o que se falava. Para toda e qualquer pessoa que vivia próxima dela, recaía, porém, um ar de suspeita, de maneira que eu e Dudu demos alguma articulada, conversamos com nossos amigos e recomendamos-lhes que forjasse um álibi mais convincente para a polícia. Os amigos concordaram e, sempre que eu via algo na TV ou nos jornais sobre o tema, era acometido de uma sensação gostosa de ter conquistado algo, poxa, a repercussão estava feita, só se falava nisso, e eu pensava que tudo isso tinha acontecido graças ao que eu lhe tivera feito. E quando eu pensava nela, eu dizia olha só Ana Paula, você teve também seu tempo de estrela, você não teve o fim que está reservado àqueles que levam vidas assépticas e fáceis demais, que normalmente morrem durante o sono, num ato calmo, sem dor e sem emoções; você se foi com toda gama de emoções que poderia haver – ainda que fossem as piores possíveis.

Agora, eu mudei a minha rotina. Já não fumo mais tanta maconha, somente uma vez por dia. Estou tendendo a parar. Também passei a frequentar a igreja, a mesma que Ana Paula frequentava, mas em horário distinto. Toda vez que entro no templo sinto uma revigoração, como se tivesse feito, enfim, algo para a posteridade. Tenho certeza de que tudo em minha vida tende a dar certo. Estou começando a fazer planos. O pastor, porém, sempre me alerta: quanto maior o voo, maior o tombo!, ele me diz. Estarei ciente. O que importa é que o meu intento foi alcançado, e até hoje e sempre o corpo da Ana Paula descansa, em paz, unindo-se ao ar fétido e à terra carregada de imundícies, e, para seu bem, nunca deve ser descoberto como parece que nunca será; dele deverá restar somente o mistério de um caso indecifrável, e para mim restará a certeza de que tudo isso foi como uma ratificação do prenúncio feito pelo pastor aos que iam pela primeira vez à igreja – sete dias atrás.



Programas do governo qualificam e inserem jovens no mercado de trabalho

Com apenas 19 anos, o jovem Antônio Iordan da Silva passou a acumular outra atividade além dos estudos: entrou no ramo da marcenaria, ampliando com recursos financiados por ele mesmo o negócio que seu pai administra em Parelhas. Investiu inicialmente R\$ 2 mil para melhorar as instalações e comprar matéria-prima. Pagou o empréstimo e agora obteve novo microcrédito da Agência de Fomento do Rio Grande do Norte (AGN) no valor de R\$ 3 mil, verba com a qual vai adquirir novos equipamentos e incrementar a produção, firmando o negócio familiar.

Antônio Iordan da Silva foi um dos 2.219 concluintes das turmas do Programa Jovem Empreendedor de 2008 que receberam no início de agosto deste ano o diploma das mãos da governadora Wilma de Faria, em solenidade realizada no Centro de Convenções. “Além do financiamento para investir na marcenaria da família, tudo que aprendi no curso me ajudou a ampliar os horizontes e melhorar de vida”, revela o rapaz, que este ano ingressou no Curso de Educação Física numa universidade particular de Patos (PB), pagando os estudos com o retorno do investimento realizado no referido projeto.

Assim como Antônio, outros componentes das turmas concluintes do Programa Jovem Empreendedor, todos estudantes das escolas públicas estaduais, receberam microcréditos da AGN para montar seu plano de negócio, depois de aprenderem lições de empreendedorismo pela internet e se qualificarem para penetrar no mundo dos negócios. Esse é o objetivo do programa criado em 2003 pelo Governo do Estado, beneficiando até 2008 cerca de 13.000 jovens em 42 municípios do Rio Grande do Norte, com um investimento de R\$ 1,7 milhão.

“Este ano ampliamos o programa, que passa a beneficiar 4.000 jovens com a possibilidade de desenvolverem aptidões e se tornarem pequenos empreendedores”, comemora a governadora Wilma de Faria. O programa tem o objetivo de combater a exclusão digital, despertar para o empreendedorismo e proporcionar uma alternativa de geração de trabalho e renda para os jovens conuintes do ensino médio das escolas públicas.

Com a parceria do Sebrae, eles recebem qualificação em internet e empreendedorismo, aprendem a elaborar um plano de negócio e a montar sua própria empresa. As aulas são ministradas nos laboratórios de informática das escolas. Além da qualificação e da perspectiva de formação profissional, ao final do curso, aqueles que apresentarem os melhores planos são premiados com recursos que devem ser empregados na concretização de pequenos negócios.

A exemplo do Jovem Empreendedor, os demais programas de qualificação e de inserção no mercado de trabalho desenvolvidos pela Secretaria Estadual Trabalho, Habitação e Assistência Social (Sethas) beneficiaram, ao todo, 21.000 jovens norte-rio-grandenses somente este ano. São programas como o Primeira Chance, que está proporcionando em 2009 a oportunidade do primeiro emprego a 2.000 jovens na faixa etária de 16 a 24 anos, combatendo a resistência do mercado de trabalho à contratação de jovens sem experiência profissional.

Contratados por um período de um ano, metade dos jovens acaba se efetivando no emprego e 70% das empresas, segundo a coordenadoria do Sine-RN, acabam renovando a parceria com o Governo do Estado, que paga o salário dos jovens empregados. De 2003 a 2008, o Primeira Chance já beneficiou mais de 10.322 jovens admitidos em 3.048 empresas parceiras em 24 municípios do Rio

Grande do Norte.

“Nesse período, mais de 45 mil rapazes e moças do Rio Grande do Norte já foram inseridos em programas de geração de emprego e renda executados para o público jovem pelo Governo do Estado, por intermédio da Sethas”, avalia o secretário estadual do Trabalho, Habitação e Assistência Social, Fabian Saraiva. “Este número será muito maior se for contabilizado os beneficiados pelos programas de outras pastas”, salienta.

Projovem e Aprendiz Cidadão também têm resultados

Outro programa desenvolvido pelo Governo do Estado com sucesso é o Projovem Trabalhador. Contando com a parceria do Ministério do Trabalho e Emprego, o programa oferece a jovens entre 18 e 29 anos cursos voltados à qualificação social, inclusão digital, valores humanos, ética e cidadania, educação ambiental, higiene pessoal, promoção da qualidade de vida, noções de direitos trabalhistas, formação de cooperativas, prevenção de acidentes de trabalho, estímulo e apoio à elevação da escolaridade. A carga horária completa do curso é de 350 horas.

Ao todo, o programa vai beneficiar 7.000 jovens em todo o Rio Grande do Norte, representando investimento de R\$ 15,1 milhões, entre recursos próprios e do governo federal. Como requisitos para participar do programa, é necessário que o interessado pertença a uma família com renda per capita de um salário mínimo, esteja cursando ou tenha concluído o ensino fundamental, ou cursando ou tenha concluído o ensino médio, e não esteja cursando ou tenha concluído o ensino superior.

Com objetivo semelhante e investimento de R\$ 13 milhões em 2009, o Projovem Urbano tem como objetivo trazer à sala de aula os jovens de 18 a 29



anos, incentivando-os a concluir o ensino fundamental. Além disso, são contemplados com cursos profissionalizantes, aulas de informática e uma bolsa-auxílio de R\$ 100 por mês para o jovem que obtiver 75% da frequência.

No Rio Grande do Norte, até o fim de 2009, 5.000 jovens serão beneficiados em oito municípios: Macaíba, Arêz, Ceará-Mirim, Extremoz, Baía Formosa, São Paulo do Potengi, Parnamirim e São Gonçalo do Amarante. Em Baía Formosa, a jovem Katiana Silva, 23 anos, é uma das beneficiadas pelo programa, tendo oportunidade de voltar à sala de aula, obter qualificação e uma vaga no mercado de trabalho. "Quero recuperar o que perdi em oito anos longe dos estudos. O Projovem com certeza vai me ajudar na busca por emprego, que hoje exige escolaridade", comentou.

Com apoio da iniciativa privada, o Programa Aprendiz Cidadão já deu oportunidade a 8.000 jovens de baixa renda, com idade entre 14 e 24 anos, de aprender uma profissão. O curso é dividido entre aulas teóricas ministradas no Senac e a prática nas empresas parceiras do projeto. Para terem direito ao certificado do curso, os participantes cumprem uma carga horária de até 580 horas. Cada participante recebe um auxílio financeiro durante a sua formação em cursos de assistente administrativo, operador de supermercado, vendas, telemarketing e serviços de hotelaria.

O programa já beneficiou jovens em sete municípios de diversas regiões do Estado, desde que foi criado pela Sethas, em 2003. Neste período, mais de 160 empresas conveniadas já receberam aprendizes com qualificação em várias atividades profissionais. Cerca de 90% dos participantes do programa são encaminhados às empresas parceiras do Aprendiz Cidadão, e, desse número, um percentual de 65%, é efetivado.

Estudantes se transformam em Jovens Embaixadores

Fora da esfera da Sethas, um dos programas mais exitosos é o Jovem Embaixador, que oferece oportunidade para alunos da rede pública de ensino que desenvolvem atividades sociais em suas comunidades de conhecer os Estados Unidos, com tudo pago. Em 2009 o RN enviou seu terceiro aluno vencedor para fora do país: Daniel Pedro de Barros Abel, da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, localizada em Natal.

O jovem descobriu o programa através de um anúncio da televisão. Foi então que percebeu que seu perfil preenchia os pré-requisitos exigidos pela Embaixada Americana e se candidatou a uma vaga. Selecionados, como ele, viajam para Washington D.C, sempre no mês de janeiro, onde visitam monumentos e conhecem a história do país. Depois, são enviados a diferentes partes do país para passar uma temporada de nove dias com uma família norte-americana, freqüentando aulas em uma escola e fazendo apresentações sobre o Brasil para jovens estadunidenses.

O programa Jovens Embaixadores é uma iniciativa de responsabilidade social da Embaixada dos Estados Unidos, em parceira com instituições públicas e privadas, para jovens da rede pública de ensino que tenham perfil de liderança e consciência cidadã. O programa está em sua sétima edição e aqui no Rio Grande do Norte é coordenado pela Secretaria Estadual da Educação e da Cultura. Para ser um Jovem Embaixador é preciso ter entre 15 e 18 anos, possuir boa fluência em inglês, pertencer a uma escola pública e ser voluntário em uma atividade de responsabilidade social por pelo menos um ano.

GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO NORTE
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Coordenação Geral



onde comprar? tá na cara!



**Midway Mall e
Natal Shopping**

(84) 3222-4722

**Bancas Mensageiro da
Paz**

**Av. Rio Branco,
esquina com a Rua
João Pessoa
e Av. Rio Branco com
Ulisses Caldas**

e em outros 30 pontos de Natal e região metropolitana

